

principalmente, pela Confraria de S. Pedro, há poucos anos instituída.

Seja ou não pública, importa conferir, quanto antes, à preciosa griljó o título de monumento nacional. A capelinha visigótica de S. Pedro de Balsemão é um dos mais antigos templos cristãos da Península.

(*Continua*)

D. JOSÉ PESSANHA.

Os registos de santos

(Vid. *O Arch. Port.*, vol. xxiii, p. 103)

Silvester (S.).—Vid. *Silvestre*.

Silvestre (S.)¹.—«S. Silvestre», que se venera em Ponte de Lima², I, 200; «S. Silvestre», que se venera em Santa Comba de Ceia³, I, 200; «S. Silvestre», Vianna do Castello, I, 202; «S. Silvester, adeogado contra as feiteceiras», III, 63.

Simão (S.)⁴.—«S. Simão», que se venera em Taboa⁵, I, 100; «S. Simão», Penhas de S. Simão, I, 189; «S. Simão», Apostolo, II, 59; «S. Simão de Roxas», II, 65; «S. Simão de Roxas», III, 193; «S. Simão», *M. Freire f(ceit)*. ou *f(ez)*.—IV, 165.

Sobreiro.—«Nossa Senhora do Sobreiro», que se venera no Real Mosteiro do Varatojo⁶, II, 47.

Socorro.—«Nossa Senhora do Socorro», Mafra (Lisboa), I, 31; «Nossa Senhora do Socorro», que se venera na sua freguesia (Lisboa), *T. J. Carvalho f(ceit)*. ou *f(ez)*.—I, 31; «Senhor Jezus do Socorro», Ponte de Lima⁷, I, 169; «Senhor Jezus do Socorro», de Torres Vedras⁸, II, 93; «Nossa Senhora do Socorro», Bouçan (Cumieira)⁹,

¹ S. Silvestre é advogado contra os feitiços. O dia de S. Silvestre acaba o ano. Diz-se por isso que as silvas (silva-silvestre), que se éortam neste dia, sô rebentam no ano seguinte.

² *Ponte de Lima*, vila do distrito de Viana do Castelo (Alto Minho).

³ *Seia*, vila do distrito da Guarda.

⁴ «S. Pedro e S. Simão» || *Tem as chaves do Trovão*. J. Leite de Vasconcellos, *Trad. populares de Portugal*, p. 65.

⁵ *Tábua*, vila do distrito de Coimbra.

⁶ *Varatojo*, povoação na freguesia de S. Pedro de Tôrres Vedras (Lisboa).

⁷ *Ponte de Lima*, vila do distrito de Viana do Castelo (Alto Minho).

⁸ *Tôrres Vedras*, vila do distrito de Lisboa.

⁹ *Cumieira*, freguesia do concelho de Penela (distrito de Coimbra) ou de Santa Marta de Penaguião (distrito de Vila Real).

III, 148; «Nossa Senhora do Socorro», Fayal (Açores), III, 150; «Milagroza Imagem de Nossa Senhora do Socorro», III, 178; «Milagroza Imagem de Nossa Senhora do Socorro», IV, 102; «Nossa Senhora do Socorro, Igreja Parochial do Pezo da Regoa»¹, IV, 107; «Nossa Senhora do Socorro», «que se venera na Igreja de S. Faustino, na Villa do Peso da Regoa a 15 de Agosto», IV, 217.

A paróquia de Nossa Senhora do Socorro foi desmembrada da de Santa Justa ao tempo em que era arcebispo de Lisboa D. Miguel da Costa. Teve o seu orago na ermida de S. Sebastião na Mouraria, que era dos artilheiros, pelos anos de 1596, e passou a chamar-se freguesia de S. Sebastião da Mouraria. Construído em 1646 outro templo maior, foi para elle transferido o Santissimo Sacramento e a imagem de Nossa Senhora do Socorro, que lhe deu o nome. António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, III, p. 104.

Socorro. — Vid. *Socorro*.

Soledade. — Vid. *Solidade*; «Nossa Senhora da Soledade», 2 exemplares diferentes, um deles venerado no Bom Jesus do Monte (Braga), I, 53; «Nossa Senhora da Soledade», I, 222; «Nossa Senhora da Soledade», Castanheira de Pera², II, 13; «Nossa Senhora da Soledade», de Taveiro³, II, 20; «Nossa Senhora da Soledade», 2 exemplares diferentes, II, 30; «Nossa Senhora da Soledade», Casa do Despacho da Irmandade dos Passos da Graça de Lisboa, III, 153; «Nossa Senhora da Soledade», IV, 80; «Nossa Senhora das Angustias e Soledade», Real Capela no Mosteiro de S. Bento (Lisboa), IV, 85.

Solidade. — «Nossa Senhora da Solidade», ex. minúsculo, II, 62.

Sorte. — «Nossa Senhora da Boa Sorte», Poiães⁴, I, 175.

Sub-Serra. — «Nossa Senhora da Sub-Serra»⁵, que se venera no convento das Religiozas da *Castanheira*⁶, IV, 79.

¹ É muito concorrida esta romaria na Régua (distrito de Vila Real), no dia 15 de Agosto.

² *Castanheira de Pera*, tambem conhecida por Castanheira de Pedrógão, ou só Castanheira, concelho de Pedrógão Grande (Leiria).

³ *Taveiro*, freguesia do concelho de Coimbra.

⁴ *Poiães*, há povoações com êste nome nos concelhos de Freixo de Espada-à-Cinta (Bragança), Ponte de Lima (Viana do Castelo). Pêso da Régua (Vila Real), e um concelho dêste nome no distrito de Coimbra.

⁵ *Sub-Serra*, povoação na freguesia de S. João dos Montes, concelho de Vila Franca de Xira (Lisboa.).

⁶ *Castanheira*, vila e freguesia do concelho de Vila Franca de Xira (Lisboa.).

Suzana (Santa)¹.—«Santa Suzana», 2 exemplares diferentes, III, 37.

Talaia.—Vid. *Atalaia*—APÊNDICE.

Telmo (S.).—Vid. «S. Pedro» (S. Pedro de Gonzales), III, 49.

Terço.—«Nossa Senhora do Terço», I, 33; «O Senhor dos Remedios e Nossa Senhora do Terço», que se venera na sua Capéla no logar de Sellas (Coimbra), *Dôres fez, Coimbra, 1846*, I, 122; «Nossa Senhora do Terço», I, 230; «Nossa Senhora do Terço e Caridade», Coimbra, II, 41; «O Senhor dos Remedios e Nossa Senhora do Terço», Cellas, III, 91.

Tereja (Santa).—«Santa Tereja de Jezus», I, 89. Vid. APÊNDICE.

Teresa ou Tereza (Santa).—Vid. Tereja (Santa); «Santa Tereza de Jesus» (colorido), I, 48; «Santa Tereza», I, 89; «Santa Tereza», II, 45; «Santa Tereza», II, 62; «Tereza da Annunciada», Capela do Santo Christo dos Milagres, III, 29; «Santa Tereza», III, 29; «Santa Tereza de Jesús», III, 30; «Santa Teresa de Jesus», III, 42; «Senhor Santo Christo dos Milagres, com a V. M.^o Tereza da Annunciada», Ponta Delgada (Açôres), III, 68; «Santa Teresa de Jesus», Convento de Santo Alberto (4.^o Bairro de Lisboa)², III, 103; Vid. *Mão*.

Terra.—«Nossa Senhora da Terra», Louzada³, I, 223; «Verdadeiro retrato da Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Terra», descoberta debaixo do adro da Capela de Nossa Senhora da Conceição, na freguesia de S. Pedro Fins de Torno, concelho de Unhão, comarca de Penafiel, IV, 80.

Terramotos.—«Senhor Jesus dos Terramotos», Ermida de Campo de Ourique (4.^o Bairro de Lisboa), IV, 5; «Senhor Jesus dos Terramotos», 2 exemplares diferentes, IV, 187.

Terremotos.—Vid. *Terramotos*.

Terreiro.—Vid. *Valle do Terreiro e Val Terreiro*.

Theophilo (S.).—«Santissimo S. Tiofilo, Revocata, Saturnino», Padroeiros de Viana, Collegio das Ursulinas, III, 196.

Theotonio (S.)⁴.—«S. Theotonio», Prior de Santa Cruz de Coimbra, II, 40; «S. Theotonio», Santa Cruz de Coimbra, III, 117; «S. Theotonio» (fundo colorido), IV, 180.

¹ Vid. Duarte Nunes de Leão, *Descripção do Reino de Portugal*, fol. 72.

² Vid. *Santo Alberto*.

³ *Lousada*, concelho no distrito do Pôrto.

⁴ Vid. Antonio Coelho Gasco, *Conquista, Antiguidade e Nobreza, etc., da cidade de Coimbra*, 1805, Lisboa, cap. xvii: «De como São Theotonio edificou em Coimbra a sagrada Ordem dos Conegos Regrantes».

Thereza (Santa).—Vid. *Santa Teresa*.

Thomaz (S.).—«S. Thomaz», de Villa Nova. «Arcebispo de Valença. Pai dos Pobres», I, 65; «S. Thomaz de Vila Nova», 2 exemplares, III, 56; «S. Thomaz de Aquino», III, 57; «S. Thomaz de Aquino», III, 195.

Thomé (S.).—«S. Thomé», Ferreira, I, 205; «S. Thomé», I, 216; «S. Thomé», Ferreira-a-Nova¹, 2 exemplares diferentes, II, 3; «S. Thomé, Apostolo», Carapinheira da Serra², II, 82; «S. Thomé, Mira³, II, 89; «S. Thomé», Ançã⁴, II, 100; «S. Thomé Apostolo», Ferreira-a-Nova, III, 57; «S. Thomé», Igreja da Mira, III, 123.

Proveniente da passagem bíblica, onde se dá fé da incredulidade deste santo, um dos discipulos de Cristo, diz-se: *ver para creer, como S. Tomé*. Em Trás-os-Montes é o tempo das matanças, e ouve-se frequentemente dizer:

Pelo S. Tomé
Faz o porco *qué, qué*.

E também se acrescenta:

Quem não tem porco
Mata a mulher.

Thyrso (Santo).—«Martir Santo Thyrsos de Meinedo»⁵, IV, 172.

Tiago (S.).—«S. Tiago Apostolo», I, 66; «S. Tiago Maior, Apostolo», IV, 176.

Vid. Luís Marinho de Azevedo, *Fundação e Grandezas de Lisboa*, liv. III, cap. XIII, p. 47: «De como ao Apóstolo Santiago lhe foy »distribuido a pregação Evangelica de Hespanha, e vindo a ella »prégou em Lisboa».

Este apóstolo tem templo majestoso em Santiago de Compostela, na Galiza, e de todos os tempos foi um centro deromeiros. Dizia-se antigamente que todos havíamos de passar por Santiago, vivos ou mortos. Numa cantiga da Carregosa (freguesia e concelho de Oliveira do Azeméis, Aveiro), diz-se:

São Tiago de Galiza,
Vós sendes tão interesseiro,
Ou em morte ou em vida
Hei-de ir ao vosso mosteiro.

¹ *Ferreira-a-Nova*, freguesia do concelho da Figueira da Foz (distrito de Coimbra).

² *Carapinheira*, freguesia do concelho de Montemor-o-Velho (distrito de Coimbra).

³ *Mira*, freguesia do concelho de Cantanhede (distrito de Coimbra).

⁴ *Ançã*, freguesia do concelho de Cantanhede (distrito de Coimbra).

⁵ *Meinedo*, freguesia do concelho de Lousada (distrito do Pôrto).

Cria-se que em Santiago havia um buraco por onde se passava, e as almas iam depois caminhar na *estrada de Santiago*, que é a via láctea, o que ainda hoje correntemente se ouve. Facó Arce, na *Grammatica Gallega*, p. 237, recorda o adágio popular:

No camiño de Santiago
Tanto anda o coxo com'o sano¹.

Em Portugal foi, como em Castela, o santo da invocação guerreira, o que provinha do grito de guerra contra os Sarracenos. Com as lutas com Castela e a vinda de Ingleses no tempo de D. Fernando, o grito de guerra passou a invocar S. Jorge, de nebulosa audácia.

Tiofilo (S.). Vid. *Theophilo*.

Toca. — «S. João da Toca»², III, 176.

Tocha³. — «Nossa Senhora da Tocha»⁴, III, 15.

Torcato (S.). — «S. Torcato», Guimarães⁵, 2 exemplares diferentes, I, 208; «Corpo de S. Torcato», suburbios de Guimarães, III, 55.

Vid. também *S. Torquato*.

S. Torcato, irmão de Santa Susana, ambos de Braga e ambos mártires, foi supliciado no dia 12 de Abril, nas perseguições de Nero.

Um outro foi bispo do Porto, era de Toledo, e foi morto pelos muçulmanos junto de Guimarães.

J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, 3.^a edição, II, p. 90.

O templo foi começado em 1825, mas a confraria existia já em 1693, como se vê da exposição dos estatutos aprovados por D. João VI.

A romaria é célebre e faz-se no mês de Julho. O sítio é conhecido pela indústria da ourivesaria de filigrana.

Torquato (S.). — «S. Torquato Martyr, Arcebispo de Braga», I, 68; «S. Torquato», que se venera em Salzedas⁶, I, 106; «S. Torquato», Quinta da Picoila, I, 205; «S. Torquato», 2 exemplares diferentes,

¹ J. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 25.

² Este nome é local, como o da Senhora da Penha, Lapa, etc. Refere-se a milagre de aparecimento da imagem, que é venerada ali. O registo prova-o com a apresentação duma imagem da virgem num buraco, aberto no tronco dum carvalho.

³ Este nome provirá do onomástico local (Tocha), ou do facto de a imagem da Virgem ter na mão uma tocha (como N.ª S.ª do Rosário, da Rosa, etc.)?

⁴ *Tocha*, freguesia no concelho de Cantanhede (distrito de Coimbra).

⁵ *Guimarães*, cidade manufactureira da província do Minho, distrito de Braga.

⁶ *Salzedas*, concelho de Mondim da Beira (Viseu).

II, 6, e II, 7; «S. Torquato», III, 49; Corpo de S. Torquato, Guimarães, III, 116; Vid. *S. Torcato*.

Torre.—«Nossa Senhora da Torre», Braga, I, 226.

Tossã.—«Nossa Senhora da Tosse», Fulhadal¹, I, 177.

Trindade.—«Santissima Trindade», *R. J. da Costa e filha gr(a)-v(ar)am*. Porto, I, 11—; «Hj tres unum sunt», IV, 8; «*Deo Trino Uni Opt. Max.*», IV, 20. Sem designação, ed. pequena, I, 197. Sem designação, III, 47.

Triunfos.—«Senhor Jesus dos Triunfos», IV, 12.

Troya.—«Nossa Senhora da Troya», 2 exemplares diferentes, I, 40; «Nossa Senhora da Troya», IV, 85.

Tude (S.).—«S. Tude», I, 64; «Verdadeira Representaçam da imagem de S. Tude, Conego Reg[ul]ar., Arcebispo e M[artir], que se venera na Igreja do Reyal Most[e]iro de S. V[icen]te Defora de Lisboa (1.º Bairro), IV, 178; «S. Tude», que se venera na Freguezia de Santa Maria Magdalena em Lisboa (2.º Bairro), IV, 178.

S. Tude ou Antídio é a invocação dum convento dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho em Lisboa. No templo está a imagem dêste Santo, que tem «a mesma encoração, e polimento, que trouxe de França» ha mais de 600 anos, diz o *Mappa de Portugal*, 3.ª ed., II, p. 158.

A imagem é milagrosa, e as vestes sacerdotais, que a revestem, curam, ao tocá-las, os doentes de febres.

Uriel.—«Rafael, Uriel, Gabriel, Micael, Sealtiel, Iuhdiel, Barachiel», (arcânjos), IV, 180.

Ursula (Santa).—Lisboa, I, 45; «Santa Ursula», III, 32; «Santa Ursula», III, 40; «Santa Ursula», IV, 135.

Na história da literatura portuguesa conhecem-se, por um incidente literário, referências a Santa Úrsula. É facto muito da atenção especial dos camonianistas. Camões, em uma dedicatória à Infanta D. Maria, acusa Diogo Bernardes de lhe ter por vezes roubado versos; entre estes, diz êle que lhe foram levadas umas *oitavas a Santa Úrsula*, publicadas por Bernardes, que delas se apresentou como autor. Visconde de Juromenha, *Obras de Luis de Camões*, III, 340 sgs.

As reliquias de Santa Úrsula, como as de Santa Auta, uma das suas companheiras, estão no santuário do Convento da Madre de Deus, em Xabregas (Lisboa), onde se veneram. Morreu no dia 26 de Maio,

¹ *Folhadal*, povoação nas freguesias de Nelas e Piães, concelho de Sinfães (Viseu).

que ficou, por amor da regra, o dia da sua festa eclesiástica. Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano*, III, p. 410.

Vagos.—«Nossa Senhora de Vagos»¹, II, 74.

Val Ferreiro.—Vid. *Valle do Ferreiro*. «Senhor do Val Ferreiro», freguesia da Madeirã², IV, 17.

Valle.—«Nossa Senhora do Valle», IV, 80.

Valle do Ferreiro.—«Senhor do Valle do Ferreiro», que se venera na freguesia da Madeirã², II, 86.

Verissimo.—Vid. *Maxima*.

Viagem.—«Nossa Senhora da Boa Viagem», Misericórdia da Figueira da Foz, distrito de Coimbra, III, 114; «Nossa Senhora da Boa Viagem», Varzea da Condosa, III, 173.

Via Sacra.—«O Senhor Jesus de Santa Via Sacra de Santa Joanna», I, 5; «O Senhor Jesus da Santa Via Sacra», I, 18.

Vicente (S.).—«Imagem do Senhor Jesus de S. Vicente», que se venera em Bragança, I, 2; «S. Vicente Ferreira», Prêgador Apostolico da Ordem de S. Domingos, *S(antos). f(ecit). ou f(ez)*. Porto, ✓ I, 12; «S. Vicente de Paulo», Fundador da Congregação da Missão, *G. F. L. Debric f(ecit)*. 1748. Paris. 2 exemplares diferentes, I, 19; ✓ «S. Vicente» (Pedrogão Grande)³, I, 185; «S. Vicente» (Ovar)⁴, I, ✓ 194; «S. Vicente» (Sezures)⁵, I, 211; «S. Vicente» (Sezures), I, 212; «S. Vicente» (Sezures), I, 212, I, 213; ✓ «S. Vicente», 2 exemplares diferentes, II, 57; «S. Vicente Martyr», II, 65; «S. Vicente Martyr», 2 exemplares diferentes, III, 199; ✓ «S. Vicente Martyr», exemplar colorido, IV, 173.

S. Vicente é celebrado com devoção em Lisboa e no Algarve, cidade e provincia que andam juntas na lenda do cadáver errante do Santo. Foi martirizado em Valença de Aragão nas perseguições do Daciano. O corpo foi deposto no ermo, para ser devorado pelos corvos. Uma destas aves, porém, votou-se à guarda do cadáver que defendeu dos bandos de corvos, e de um lobo que afugentou com a batida das asas. Daciano mandou que o Santo fôsse lançado ao mar com uma pesada mó ao pescoço, mas ainda não tinham tocado em

¹ *Vagos*, vila do distrito de Aveiro.

² *Madeirã*, freguesia do concelho de Oleiros (Castelo Branco).

³ *Pedrogão Grande*, vila do distrito de Leiria.

⁴ *Ovar*, vila do distrito de Aveiro.

⁵ *Sezures*, freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão (distrito de Braga).

terra os marujos que foram proceder ao lançamento, e já o corpo estava a sêco sôbre a praia. Os Cristãos enterraram-no. Sobrevieram as perseguições de Abderraman, que destruiu templos e reliquias, e os Cristãos aprestaram uma barca, que ao Deus dará levasse o corpo, de fugida ao assalto dos Mouros. Na proa do barco, onde levavam as reliquias de S. Vicente, poisou o corvo, que jámais as abandonara desde o martirio. Aportaram à ponta de Sagres, onde edificaram casas para os homens e uma ermida para o Santo. Por isso a denominação topográfica mudou para Cabo de S. Vicente. Hali Boacem passou ali e matou os homens, levando consigo dois rapazes filhos dos marujos de S. Vicente. Foram êles os velhos que D. Afonso Henriques aprisionou ao Rei Ismar, e lhe contaram a vida de seus pais e a história das reliquias de S. Vicente. O rei português não deu com elas, o que lhe tinha sido impedido por vontade divina. Em 1176 alguns homens de Lisboa, cheios de devoção, resolveram ir buscar os restos do Santo; meteram-se num barco; encontraram o corvo guardião e as reliquias. Voltaram a Lisboa com mar chão, o corvo dentro do barco, e chegaram no dia 25 de Dezembro de 1176, em frente da porta de S. Vicente da Mouraria, então junto do rio. Levaram-no para a Sé, onde o corpo ficou. Daí vêm as armas de Lisboa, e o cuidado com que na Sé eram tratados os dois «corvos de S. Vicente». Festeja-se a 22 de Janeiro. Duarte Nunes de Leão, *Descripção do Reino de Portugal*, 111 v.

No dia de S. Vicente vão-se espreitar os ventos ao alto dum monte, com uma lumieira de palha na mão, à meia-noite. Se a chama se inclina, lêem o prenúncio dos ventos. Se vem o vento de baixo, é ano bom, tomam um criado mais para a lavoura. Se vem de cima, então o ano é pobre, e mandam embora um criado. J. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 38. D. Rodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, parte II, cap. IV, p. 74 v, e cap. IX-XV, pp. 80-93 v. A comemoração monetária deste Santo fê-la D. João III com as moedas de ouro chamadas *S. Vicente e meio S. Vicente*, a primeira das quais El-Rei «mandou laurar em pezo de mil reis»; a imagem em corpo inteiro tem «hũa nao na mão esquerda & hum ramo de palma na direita», conforme o descreve D. Rodrigo da Cunha, in *op. cit.*, parte II, cap. XXI, p. 108 v.

Vicente Ferrer (S.).— «S. Vicente Ferrer», II, 45; «S. Vicente Ferrer», *Carv.º f(ez)*. ou *f(ecit)*.—IV, 168.

Vicente de Paulo (S.).— «S. Vicente de Paulo», Fundador da Congregação da Missão, IV, 170.

Victoria.— «Nossa Senhora da Victoria», I, 218. «Nossa Senhora da Victoria», Bussaco (capela do monumento comemorativo do victoria das armas anglo-lusas) (distrito de Coimbra), II, 25; «Nossa Senhora da Victoria», Bussaco, II, 41; «Santa Victoria Virgem Martir, III, 32; «Nossa Senhora da Victoria» III, 165; «Nossa Senhora da Victoria», capela do monumento do Bussaco, 2 exemplares diferen-

tes, fotogravura, III, 167; «Nossa Senhora da Victoria», IV, 80; «Nossa Senhora da Victoria», IV, 86; Verdadeira Imagem de Nossa Senhora da Victoria», da freguesia das Lapas, concelho de Torres Novas (distrito de Santarem), IV, 104.

Vida.—«O Senhor Bom Jesus da Vida», Igreja da Misericordia da Figueira da Foz (distrito de Coimbra), 2 exemplares diferentes, I, 114; Idem, 2 exemplares diferentes, II, 14; Idem, 2 exemplares diferentes (um colorido), II, 15; Idem, 2 exemplares diferentes, II, 79; Idem, 2 exemplares diferentes, III, 88.

Vida de Jesus Cristo.—Retrato sem indicação. Representam-se nele algumas fases da *Vida de Jesus Cristo*: a *Anunciação*, o *Nascimento* e a *Ascensão*; a *prêgação do Precursor*; o *Calvario*, com as tres cruces; e o *Santo Sepulcro* (*Erit Sepulchrum eius Gloriosum*), IV, 172.

Vidio.—«S. O Vidio» = Santo Ovidio, I, 60. Vid. *Ovidio* e APÊNDICE.

Virgem.—«Virgem Dolorosa» II, 36; Senhor Jesus da Redempção e Virgem Dolorosa, III, 131; «Virgem Maria do Cabo», Senhora Nossa, *Aguilar comp[os]. e grav[ou].* = IV, 100; «Virgem Dolorosa, e mãe dos peccadores», IV, 105; «Esta Rosa que tão bella se ostenta O Symbolo é da *Virgem*», IV, 179; «Santa Virgem», IV, 223.

Virgo.—«*Virgo Maria, Mater Dei*», III, 23; «*Virgo Immaculata*», IV, 98.

Vizo¹.—«Nossa Senhora do Vizo», I, 222; «Nossa Senhora do Vizo», I, 228; «Nossa Senhora do Vizo», no alto do Monte de Cassarilhe², I, 229, 2 exemplares diferentes.

Xavier.—Vid. *S. Francisco Xavier*.

Zita (Santa).—«Santa Zita», IV, 134.

PARTE II

Catálogo pelo nome dos Autores

Abilio.—Abilio: III, 22.—Deste gravador, de mediocre prova nesta colecção, nenhum elemento colhi. Creio que será um dos muitos gravadores do *registro* genuinamente popular, ignorados, ingénuos,

¹ Vid. em Nossa Senhora dos Remédios as capelas das sete Senhoras, irmãs; uma delas é a de Nossa Senhora do Vizo, de Santa Marta de Penaguião (Vila Real).

² *Caçarilhe*, concelho de Celorico do Basto (Braga).

que, como os pintores dos *milagres*, ficam na sombra; este ter-se-ia assinado, como também por vezes acontece no *milagre*.

Abreu.—R. Lopes copiou. Marq[ues] Abreu [fez]: I, 162.—A gravura de Marques de Abreu apesar de modesta não é destituída de carácter. Foi impressa em Coimbra em 1903, e representa a imagem de Santa Luzia, de Duas Gestosas, de Castanheira de Pera.

Acquisti.—C. Acquisti inc[isit].: II, 25.—Acquisti foi um gravador de largo mérito (séc. XIX), a ver por este *registo*. Numa só gravura aparece na colecção, e representam-se aí os *Santos Martires de Marrocos*, de cuja confraria em Lisboa era D. Miguel o Juiz Perpétuo: assim o diz o *registo* em uma fita, que envolve o brasão do Infante, que sobrepuja o corpo do desenho. Raczyński não menciona este artista, e como o *Dictionnaire historique et artistique du Portugal* é de 1847 bem podia ter tido menção, se em Portugal tivesse estado. É possível e admissível que o *registo* fôsse feito em Itália, se é que o gravador, como o é pelo nome, era também de nascimento italiano.

Aguilar.—Aguilar: III, 48 [Junho, 1813]. «Aguilar Compôs e Gravou»: IV, 100 [colorido].—Aguilar Lx.^a: IV, 166 [1813].—Manuel Marques de Aguilar, natural do Pôrto, onde nasceu em 1767 ou 1768, estudou gravura em Londres com Thomas Milton, irmão do poeta do *Paraiso Perdido*. No Pôrto frequentou a aula de desenho, que a expensas suas organizou no Pôrto a Companhia dos Vinhos do Alto Minho, no fim do reinado de D. José. Desenhava trajés antigos, objectos de história natural e retratos (como os dos monarcas). Vid. Cyrillo, *Collecção de Memorias*, p. 297; Raczyński, *ob. cit.*: II, 190.

Agustoni.—Agustoni f[e]s. [r. St. Jacques, 31, Paris]: IV, 205 [Santo Antonio de Lisboa, colorido].—Agustoni foi litógrafo em Paris, de quem não consegui qualquer informação.

Alabern.—Castello Branco e Alabern sc[ulpsit].: I, 152.—Castello Branco e Alabern é um fotógrafo e fotogravador da capital. É bom o trabalho que dele figura nesta colecção.

Alberto (E. Caetano).—E. C. Alberto: I, 138. Alberto del[ineou].: III, 155.—Alberto (grav.): I, 149 [1901]¹, 153, 173, 200; III, 167.—Caetano Alberto da Silva nasceu em Lisboa a 7 de Agosto de 1845. Aprendeu a arte de gravar com Nogueira da Silva, e tem um lugar

¹ Data da «Casa Minerva, Coimbra», que imprimiu.

demarcado na gravura portuguesa ao lado dos discípulos de Bartolozzi, que tanto ilustraram a arte do sec. XIX em Portugal. Veja-se a sua obra abundante e elucidativa no *Archivo Pittoresco, Artes & Lettras, O Occidente*, que elle fundou em 1878 e é revista de tradições na literatura pátria, etc.

Almeida.—Almeida gravou, Braga: I, 115.—Alm[ei].^{da} f[ez].: III, 21.—Almeida sculp[sit].: III, 60.—João Thomaz da Fon[se].^{ca} Fecit. R. E. Alm[ei].^{da} Esculp[ui].: IV, 177.—Almeida não é, a ver pelas inicia's, nenhum dos gravadores de quem fala Raczyński ou o Cardeal Saraiva. Nem Blaiso de Almeida nem Thomas de Almeida. O único informê colhido na gravura, que faz parte desta collecção, é ser de Braga. O desenho é ingénuo e não sei se, por modesto, alguém saberá do Autor.

Alvares.—Em Lisboa. «Por Antonio Alvarez, Impressor del Rey nosso Senhor». Anno de 1642: III, 190.

Anna.—Maria Anna Lusit[aniae]. Infans inv[enit]. Silva sc[ulpsit].: III, 2. *Princ. Marianna?* Vid. este nome.

Assis.—Gregorio Fran[cis].^{co} d'Assis. Vid. *Sequeira*, n.º 2; G. Ralli p[rintou]. G. Assis f[ez].: III, 47.—Gravou desenhos de Sequeira, e a gravura em metal não desdenha do desenho.

Bahia.—A. Bahia 1873: I, 127.—A. B. 1876: I, 126.—É um litógrafo mediocre da segunda metade do seculo passado.

Bartolozzi.—«F[rancisco]. Bartolozzi R. A. sculp[sit] (tendo de idade 80 anos). Nicolao L. A. Delerive delin[eavit].»: III, 158.—Nascido em Florença, foi chamado a Lisboa pelo inspector da Oficina Régia, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em 1802. Tinha então 75 anos e era gravador querido na cidade de Londres; as gravuras d'ele são hoje disputadas e bem guardadas pelos colleccionadores do Reino Unido. D. Rodrigo de Sousa Coutinho tencionava fazer a impressão de *Os Lusíadas*, em edição ilustrada, o que infelizmente não levou a cabo por desvalimento régio, que o demitiu. Mas Bartolozzi ficou em Lisboa, e nos treze anos, que ainda viveu, conseguiu dar alento à gravura portuguesa, que desde o período áureo de D. João V descera penosamente. Fez escola a bons artistas, alguns d'elles os melhores da história da gravura portuguesa. Vid. Cyrillo, *Collec. cit.*, p. 289, e Raczyński *Diction. cit.*, p. 25. A gravura de Bartolozzi, que faz parte desta collecção, e que é nela infelizmente a única d'este magnífico mestre gravador, está muito divulgada, e muito a tenho visto dentro das molduras de madeira de boa esquadria, providas já, de boa data. Representa *O Senhor Jesus da Consolação, e Pai da Misericórdia*, do Convento dos Capuchos de Lisboa; é admirável na deli-

cadeza artística, duma grande correcção e equilibrio. Foi feito aos 80 anos, isto é, em 1807. O desenho é de Nicolau Delerive, até hoje não citado me parece; talvez seja obra casual, ou antiga e guardada, d'este desenhador, acaso autor de imagens similares em França.

Baptista.—N. J. Baptista sculp[ui].: iv, 174.—Deve ser Nicolau José Baptista Cordeiro, que Raczynski menciona (*ob. cit.*, pp. 40 e 54), e foi discípulo do esplêndido gravador do séc. XVIII, Joaquim Carneiro da Silva, tendo a mais que no nome, com que assinou a gravura, o apelido de Cordeiro; as iniciais N. e J. concordam com o nome; os registos honram o mestre, pois são de boa gravura em metal.

Barros.—Barros f[ez].: i, 8.—Os dados da gravura não depõem pela identidade. ¿Será o Eleuterio Manuel de Barros, professor de desenho do Colégio dos Nobres, segundo Cyrillo (*ob. cit.*, pp. 294 e 295)? ¿Ou o gravador e agua-fortista Jeronymo de Barros, que segundo Cyrillo, (*ob. cit.*, 127 e 128) foi mestre do gravador Queiroz em desenho? O exemplar do *registro* gravado, de que fiz nota, não prova as excelências do professor de desenho. Será posterior? Creio que estará no caso de *Abílio*. Vid. este nome.

Benedicta (Maria).—É a infanta D. Maria Benedicta, tia de D. João VI. Vid. *Marianna*. Aparece com as iniciais M. B. e designação de *Princeps* inv[enit].: i, 233. Vid. *Silva*.

Botelho.—F. A. Botelho dirigio. I. F. Botelho desenhou. D. I. Silva sculp[io].: iii, 128.—No *registro* colleccionado há dois individuos com igual apelido: Felisberto Antonio Botelho e (Antonio) José (Faustino) Botelho. O primeiro era um pintor de Lisboa (1760-?) discípulo de Pedro Alexandrino. O segundo é filho do antecedente e trabalhou sob a direcção paterna, quando ao pai faltou a vista. Vid. Cyrillo, *ob. cit.*, pp. 122-138, e Raczynski, *ob. cit.*, p. 30. O gravador D. I. Silva é Domingos José da Silva. Vid. *Silva*.

Bouteux [Le].—Mig[ue]l. Le Bouteux f[ecit].: iii, 45 [1758]; iv, 110 [1756], 175 [1757].—Foi architecto e gravador, e um dos artistas franceses que no reinado de D. João V vieram, chamados a Portugal, illustrar as obras da *Real Academia da Historia* [1720]. Vid. Patriarcha, *Lista de alguns artistas portugueses*, pp. 5 e 19, e Raczynski, *ob. cit.*, p. 30.

Braga.—A. P. Silva Braga, grav[ou].: i, 43.—Quem será este artista? Dêle não dei fé em Raczynski, nem no apelido Braga nem no Silva; anteriormente não o vi também relacionado. Pela prova do *registro* erá um admirável gravador. Também nada encontrei, a respeito dêle, no *Portugal: Dictionario historico, chorographicc e biographico*, de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues.

Caggiani.—Caggiani lith[ographou]. Lith. de M.^o Luiz: I, 88.—Caggiani, de quem não obtive o menor dado biográfico, é um litógrafo mediocre, ignoro donde. Raczynski, na *ob. cit.*, p. 298, ao falar de Vieira Lusitano, diz que há um retrato d'ele desenhado fracamente, e litografado por Caggiani.

Camilla.—Camilla gr[a]v[ou]. Porto, R. das Virtudes N.^o 3: I, 208, 223 [colorido]; III, 2.—Era filha do gravador Raimundo Joaquim da Costa, do Porto. Ora trabalha de colaboração com o pai, ora por sua conta. É bom o seu desenho, e gravou bem a *pointillé*, a traço e *pointillé*, e a simples traço.

Campi.—Campi sculp[sit]. Genova: III, 62, 64.—David Campi foi um pintor italiano, que nasceu em Génova em 1687 e morreu em 1750. Fez quadros de pintura histórica, retratos e boas cópias. Vid. *Grande Encyclopédie Française*.

Cardini.—Mattos delin[cou]. Cardini Esculp[ui].: IV, 107.—João Cardini foi o gravador do retrato de D. Afonso Henriques, na *Galeria dos retratos dos grandes homens portuguezes*. Gravou bem a traço, como a traço e *pointillé*. Vid. Patriarcha, *ob. cit.*, ed. Correia Caldeira, pp. 5 e 19, e Raczynski, *ob. cit.*, p. 37.

Carpinetti.—Carp. f[ecit]. et sc[ulpsit].: II, 26 [1761], 27 [Lx.^a 1763].—[I. S.] Carpinetti fec[it]. ou f. Lx.^a: II, 38 [2 exs. de 1760, um colorido], 47 [1766], 65 [1766]; III, 6 [1762], 18 [1760], 43, 193 [1766]; IV, 64 [1760], 73 [1761].—Carp[inetti]. f[ez].: III, 53; IV, 61, 73 [1764], 87 [1764], 109 [Lx.^a 1763].—Carpinetti (?) se. Lx.^a: IV, 102 [1760].—João Silverio Carpinetti foi discípulo do gravador Padrão, (1740-1800). Fez retratos a gravura e água-forte. Vid. Patriarcha, *ob. cit.*, p. 15, e Raczynski, *ob. cit.*, p. 39 e 41. Na coleção de *registos* tem boas gravuras em metal.

Carvalho.—Carv.^o f[ecit]. Lx.^a: I, 10, 11, 15, 19, 39, 50, 51, 53; II, 4, 86.—Carv.^o f[ecit]. Lx.^a 1817: I, 27, 49.—Id. Lx.^a 1814: IV, 64 e 74.—Carv.^o f[ecit].: I, 207, 231, 232; II, 32, 45, 48, 56; III, 3, 4, 8, 9, 16, 17, 19, 20, 21, 30, 37, 38, 39, 43, 47, 199; IV, 5, 7, 18, 19, 21, 63, 77, 83, 110, 168, 177, 179, 180.—T. I. Carv.^o f[ecit].: I, 31; III, 43.—Silva delin[eavit=cou].—Carvalho sculps[it]. III, 24.—Carv[alh].^o sculp[sit]. Lx.^a: III, 195.—Carvalho f[ecit].: IV, 12, 96.—Carvalho deve ser o mesmo T. I. Carvalho. A gravura em metal é mediocre quasi sempre; e do artista dados alguns colhi, sendo, ao que parece, um modesto gravador de santos populares. ¿Ou será José Manuel Carvalho e Negreiros, o primeiro (1751-1815)?

Castro.—Castro, «ediou, desinou, e Sculp[ui]».—Em *Caza do Autor na Rua Prossição N.^o 8, 3.^o Andar*: II, 39.—M. A. de Castro

grav[ou].: III, 3. Castro gravou medíocrementemente em metal e a traço ou a traço e *pointillé*.

Clemente.—Clemente, lith[ographou]. Impr.^a da Universidade: I, 84; III, 89, 92 [1862].—Clemente grav[ou]., lithographia, I. da Univ.: I, 86, 87.—Clemente foi litógrafo e os *registos* não primam por qualquer perfeição ou bom gosto.

Cordeiro.—N. I. Cordeiro f[ez]. (grav.): II, 39.—Nicolau José Baptista Cordeiro é um gravador de obra em cobre ou aço, admirável de arte e de técnica. Foi discípulo do magnífico artista gravador Joaquim Carneiro. Raczyński, *ob. cit.*, p. 40.

Correia.—«Manuel Correa J.^r a fez em Coimbra em 1832»: II, 26.—Correa f[ez].: III, 105; IV, 19.—A. J. Correia sculp[sit].: IV, 53.—Manuel Correia Junior gravou em Coimbra, e as gravuras, em metal, são por vezes muito regulares. Não citado. A. J. Correia, igualmente não citado, é de mérito inferior ao anterior.

Costa.—R[aimundo]. J[oaquim]. da Costa gravou: I, 5; II, 28, 52, 53.—Id. grav[ou]. Porto, 1850: I, 25, 226.—Id. grav[ou]. Porto: I, 61, 226.—Id. Porto, 1851: II, 53.—Id. del[ineou]. e grav[ou]. Porto: II, 40.—Raimundo Joaquim da Costa dez[enhou] e grav[ou]. Porto 1836: IV, 100.—Impr[en].^a de R. J. da Costa, Porto, 1850: I, 32.—R[aimundo]. J[oaquim]. da Costa e filha grav[aram]. Porto: I, 11, 33; IV, 52.—Id. gr[a]v[aram]. Porto, Rua das Virtudes N.^{os} 1 e 2: I, 30, 208; IV, 91.—O mesmo e sua filha Camilla gravarão, Porto: I, 226; II, 34.—R. J. da Costa e filha sculp[irão].: III, 27 [1860].—Joaquim Raimundo da Costa grav[ou]. Porto, 1836: I, 209.—Costa grav[ou]. Porto: I, 32, 34 [1835]; IV, 6, 59.—Adelino Costa lith[ographou]. Coimbra: III, 110 [1887], 111.—Id. estamp[ou].: I, 75, 76, 83; III, 76, 80, 81.—Dias Costa lith[ographou]. ou Lithogr[aph].^{oo}: I, 77, 78, 89; II, 9; III, 80, 101, 102, 103, 108, 129, 131.—Miguel Costa des[enhou]. A. Costa Estamp[ou]. Coimbra: I, 75, 98 [1881]; II, 12; III, 82 [1880], 83, 86 [1879].—Miguel Costa f[ez]. ou F[ez]. (litografia): I, 73, 74, 85 [1878], 103, 104, 117; III, 73 [1880], 78, 79, 98 [1885-1886], 99, 109, 118, 124.—Miguel Costa: I, 86, 118 [1880].—M[iguel]. Costa F[ez]. (litografias): I, 80, 81, 84, 88, 100, 103, 106, 109, 110, 116; III, 75, 111; IV, 218.—Id. Lithographou: III, 76.—M[iguel]. Costa Coimbra: II, 2, 3, 5, 9, 21; III, 71, 95, 118, 122.—Costa. Coimbra: III, 77 [1902], 130.—Costa f[ez].: I, 64.—Raimundo Joaquim da Costa, do Porto, foi professor de desenho na terra natal, em 1830. Discípulo do gravador Joaquim Carneiro da Silva «era muito habil, desenhava assaz bem e gravou com garbo tanto em talhe doce como no *pointillé*». Raczyński, *ob. cit.*, p. 61.

Vid. *Camilla*. Adelino Costa e Dias Costa, de Coimbra, são bons litógrafos; Miguel Costa é fraco artista. Acerca de Dias Costa, vid. *Sequeira*.

Couderc.—Coudere Pinxit. L. Maurin lith[ograph.]: III, 104.—Coudere pintou o original e Maurin litografou-o. É possível que o primeiro, pelo menos, cá não tivesse estado, tendo-lhe o segundo aproveitado a pintura, sendo esta por exemplo um retábulo de altar, que Maurin copiasse e gravasse.

Cunha.—C. Bata Cunha grav[ou]. Braga 1845: II, 34.—C. Bata (Baptista?) Cunha gravou em Braga em 1845. Não foi citado ainda, nem o seu trabalho a traço ou a traço e *pointillé* merece menção especial.

Debrie.—Debrie f[ecit]. de 1761: I, 214.—Debrie f[ecit]. (?): I, 234.—Debrié: IV, 171.—G. F. L. Debrie del[ineavit]: et fec[it].: I, 19 [1748]; IV, 170 [1753].—Id. Bouasse Lebel Edit[or]. imp[ressor]. Paris: I, 19.—G. F. L. Debrie del[inea].^{tor} et sculp.^{tor} Regius fec[it].: I, 232 [1748]; II, 27 [1752]; IV, 89 [1750].—G. F. L. Debrie inv[enit]. et sculp[isit].: III, 42 [1750].—Id. id. 1734. C. Le Febre impressit: IV, 110.—Gabriel François Louis Debrié, diz Raczyński, *ob. cit.*, pp. 39 e 66. e Cyrillo, *ob. cit.*, p. 282. Debrie vê-se em quasi todos os *registos*. Nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* do Rio de Janeiro, vol. XXVIII, 1906, n.º 3, pp. 1-116; vem o seguinte estudo: «*Estampas gravadas por Guilherme Francisco Lourenço Debrie*», catálogo organizado pelo Dr. José Zephyrino de Menezes Brum. Diz que o nome é assim e traz a relação das gravuras do artista, *Delineator et sculptor regius*. Houve dois gravadores com o mesmo apelido, pai e filho, segundo Cyrillo, e não podem distinguir-se por não se diferenciarem as assinaturas. Foi um dos melhores artistas que vieram a Portugal no reinado de D. João V.

Dores.—José das Dores, F[ez].: I, 90 [1868], 102 [1868].—J[osé]. das Dores, F[ez].: I, 107 [1868].—Dores f[ez].: I, 80 [1867], 81 [1863], 82 [Coimbra, 1853], 82 [1849], 82 [1860], 82 [1867], 85 [1843], 85 [1848], 89 [Coimbra, 1845], 91 [1858], 99 [1866], 101 [1860], 107 [1867], 112 [1861], 112 [1858], 113 [1863], 122 [1845], 122 [1853], 123 [1863], 123 [1866], 123 [1848], 124 [1855]; II, 4 [1860], 10 [1866], 19, 20 [1860], 20 [1865], 20 [1866], 21 [1866], 21 [1867]; III, 71 [1860], 71 [1866], 72 [1863], 78 [1866], 80 [1868], 86 [1867], 89 [1864], 89 [1868], 92, 98, 100 [1841], 105 [1867], 112 [1854], 119 [1858], 120 [1864], 126 [1866], 127 [1864]: IV, 204 [1863].—José das Dores foi gravador no meado do séc. XIX. Gravou muito, mas não é de boa qualidade a sua obra.

Dourneau.—I. B. Dourneau f[ecit].: iv, 64.—Gravou sofrivelmente em metal. ¿ Seria acaso um dos gravadores de D. João V? Mas então seria citado no *Dictionnaire* de Raczynski.

Eduardo—Eduardo des[enhou]. A. Faria [?] estamp[ou].: ii, 10. Eduardo desenhou mediocrementemente e igual mérito tem a litografia nos registos desta colecção.

Emilia.—Emilia grav[ou].: iv, 9.—É uma das poucas senhoras que figuram na colecção, e o seu *pointillé* não a honra. Não citada.

Emygdio.—Emygdio des[enhou]. e lith[ographou]. Figueira da Foz: iii, 77 [1860].—Desenhou e litografou mediocrementemente os registos que na colecção têm o nome d'ele.

Faria.—Eduardo des[enhou]. A. Faria [?] estamp[ou]: ii, 10.—¿ A. Faria será o Chevalier Faria, que Raczynski (*ob. cit.*, p. 39) mencionou e foi coevo do Joaquim Carneiro da Silva? O registo, que figura com este nome, é litografia mediocre do original, que *Faria estamp[ou]*.

Febre [Le].—G. F. L. Debrie inv[enit]. et sculp[isit]. 1734.—C. Le Febre impressit: iv, 110.—G. Le Febre, Impressor do séc. XVIII.

Feoli.—Vinc[enzo]. Feoli: ii, 66.—Não foi citado no *Dictionnaire* de Raczynski. Gravou bem, no metal. ¿ Como Acquisti, também italiano, bom gravador como ele, teria vindo a Portugal na mesma época, depois de 1847?

Fernandes.—Fernandes grav[ou].: i, 162.—Fern[andes]. gr[a-vou]., Coimbra: i, 176.—Fernandes, de Coimbra, gravou em madeira, sem mérito. Não foi citado e ignoro-lhe as datas, que nenhum dado fornece o registo.

Ferraz.—E. Ferraz [P. M. grv.]: i, 176.—Fez o original, que o fotógrafo Marinho reproduziu em fotogravura.

Fonseca.—Fon[se].^{ca} esculpiu: iv, 81.—João Tomáz da Fon.^{ca} Fecit [R. E. Almd.^a Esculp[itu].]: iv, 177.—Nome citado no *Dictionnaire* de Raczynski, pp. 90-100. Era pai do pintor António Manuel da Fonseca, que em 1841 trouxe de Roma a cópia magnífica da *Transformação de Cristo*, no Museu de Arte Antiga. ¿ Seria ele o autor de registos, que figuram nesta colecção, e tam mediocres aparecem na gravura?

Fontes.—*Fontes*, Ab[riju].¹ em 1815.—O Prior de S.^{ta} Cruz a

¹ Podia ser *Ab[ridor]*, como no séc. XVIII se chamava aos gravadores. A virgula significará o irreparo da inicial maiúscula, que indicaria apelido ou equivocaria com *Ab[bade]*, e a afirmá-lo está a rubrica de que «mandou abrir»; ele abriu. Se fôsse *Ab[ridor]*, continuaria a ser abridor nos outros registos.

mandou abrir: I, 11.—Gr[avou]., ou gr[avou].: I, 230 [em 1831], 233 [em 1832, a côres]; III, 12 [em 1830], 53 [em 1830], 132, 197; IV, 11 [1830].—F[ez].: III, 8; IV, 86 [1831], 88.—Fontes a f[ez].: III, 15. [C.] Fontes Sculp[sit = iu]. ou esculp[io].: I, 226; III, 3, 21; IV, 7 [colorido].—L. M. Fontes Gr[avou].: I, 217; III, 21.—Del[ineou]. e Gravou: IV, 99.—Como das iniciais, discordantes ao que se vê, deve deprender-se, os artistas serão dois. O nome que não tem iniciais será talvez identificável com C. Fontes. Êste fez gravura a talho doce e a *pointillé*, e o trabalho é razoável. A gravura em metal de L. M. essa é medíocre. Não foram citados artistas de apelido Fontes no *Dictionnaire* de Raczyński, e no entanto em um *registo* vê-se a data de 1815.

Foschini.—Foschini delin[eou]. Fontes Grav[ou].: IV, 109.—Archangelo Foschini, de Lisboa (1771-1834), foi aluno da aula de Joaquim Manuel da Rocha, e pintou no Palácio da Ajuda, para onde foi nomeado, com Taborda, pintor da Real Câmara em 1803. Raczyński, *ob. cit.*, p. 101. Desenhou o *registo*, que se compreende nesta colecção.

Francisco.—Francisco fis. Porto: III, 9, 56.—Francisco Sc[ulp-sit]. no Porto: III, 51.—¿Será José Francisco (1843) de quem fala Raczyński, in *ob. cit.*, p. 101? Ê um medíocre gravador em metal, do Porto. O mesmo A. cita êste nome nas *Lettres sur les arts en Portugal*, p. 105.

Freire.—Manoel Freire a fes [em Lisboa]: I, 24; III, 53 [1774], 55.—M[anoel]. Freire f[es]. Lx.^a: I, 27; IV, 165.—Manoel Freire f[es]: II, 27; IV, 69.—Esc[ulpiu]. em Lx.^a: II, 66.—C. F[rei].^s inv[enit]. et esc[ulpsit]. Olisipone 1836: II, 23.—C. Freire a f[es]. em Lx.^a: IV, 175 (colorido).—Fr[ancisc].^o, X[avi].^{er} Fr[eir].^e A Fes: I 64.—Freire: I, 171, 178; II, 98, 100; III, 173.—Bern[ardo]. Fr[eir].^e. Ba. ou Bq. exc[ulpiu]. Lx.^a 1738: II, 44. Vid. a abreviatura: Ba.—Ba. ou Bq., por demasiado medíocre, êste ultimo gravador passou ignorado nessa época de esplendor de gravura em Portugal, que o *registo* lhe data (1738). Raczyński não o menciona, e ser-lhe-ia fácil o lembrá-lo, quando era de Lisboa.

Manuel Freire, gravou bem a talhe doce, em Lisboa, 1774.

Francisco Xavier Freire foi um gravador medíocre.

C. Freire não gravou mal a talhe doce, e trabalhou em Lisboa no ano de 1836.

Raczyński, in *ob. cit.*, p. 104, apenas cita o gravador José Joaquim Freire, que, como se vê, não condiz.

O Patriarcha, *ob. cit.*, p. 355, cita um outro R. Freire. Ê de

estranhar que Manuel Freire não tivesse sido mencionado, e ou haverá troca de apelido por Figueiredo?

Freire gravador, gravador contemporâneo, não apresenta nenhum *registro* razoável nesta colecção, onde aparecem d'ele gravuras em metal e em madeira.

Frois.—G. Frois f[ez].: I, 24; III, 48.—frois f[ez]. Lx.^a: I, 214; IV, 101.—Frois F. inv[entou].: III, 15.—Frois sculp[iu].: III, 22 [1787], 198.—Gaspar Frois (ou Froes) Machado, de Santarém, (1759–1796), foi aluno do gravador, já citado, Joaquim Carneiro da Silva. Gravou bem a talhe doce, e *registos* d'ele correram impressos em sêda. Elogiam-no Cyrillo, *ob. cit.*, p. 285, e Raczyński, *ob. cit.*, pp. 185 e 186.

Gayo.—Gayo sc[ulpsit].: I, 157.—Bern[ar].^{do} Fr. Gayo Esculpio. Lisboa Occ[idental]: III, 34.—Bernarda Fernandes Gayo ou Bernardo Fernandes, que foi citado pelo Patriarcha, *ob. cit.*, p. 14, e por Raczyński, *ob. cit.*, p. 90, teria sido bom gravador, mas representa-se nesta colecção (séc. XVIII) em situação de inferioridade.

Godinho.—Godinho f[ez].: I, 3, 9, 27, 51 [com licença da Mesa Censoria]; IV, 56, 67, 72, 169.—God[inh].^o f[ez]. Lx.^a: I, 9, 47, 230; II, 27, 47, 64; III, 7, 15, 17, 29 [côr], 29, 38, 39, 40, 43, 192, 200; IV, 5, 15, 67, 71, 72, 80, 92, 98, 101, 109, 133, 165 [1783], 166, 177, 180.—sc[ulpio]. Lx.^a: I, 21; III, 41; IV, 70.—sculp[iu].: IV, 171.—G[odinho]. f[ez].: I, 10; IV, 3, 110, 173.—M. S. God[inh].^o sculp[iu].: 1775: II, 40.—M. S. G[odinho]. f[ez].: I, 9.—Manuel da Silva Godinho é segundo Raczyński, *ob. cit.*, pp. 113 e 273, o melhor discípulo do belo gravador português Joaquim Carneiro da Silva. Vid. o mesmo a p. 40, onde se diz: «grava beaucoup d'images de dévotion», ou sejam *registos*. As gravuras, com que figura na colecção, são óptimas de expressão artística e de beleza de técnica.

Graça.—P. Graça [lithographou].: III, 114.—Foi litógrafo pouco merecedor de encómios; se tinha, no *registro* apontado, alguns dons de imaginação, era mui modesto de técnica.

Januarios.—Januarios (Lithographia): III, 67.—Lifografou bem. Nenhunas informações escritas pude colhêr d'ele.

Juzcart.—Juzcart f[e]c[it].: III, 193.—Não se vê bem se é Juzcart ou Juzart, embora a segunda leitura pareça ser a boa. Não colhi dados biográficos ou artísticos d'este mediocre gravador em metal.

Lacerda.—Lacerda grav[ou].: I, 223.—Pelo elogio que de Bernarda Ferreira de Lacerda fez o Patriarcha, *ob. cit.*, p. 27, não deve o apelido coincidir nesta artista e no autor do *registro*, que é me-

díocre; pode no entanto ser, se foi arte secundária a gravura nas mãos daquella artista desenhadora e iluminista.

Lallemant.—L. Lallemant: II, 92; III, 141.—Luciano Lallemant fez boa gravura em madeira e em metal, na cidade de Lisboa. Foi aluno da Academia de Belas Artes, em Lisboa, e da Academia Hildebrand, de Paris. Colaborou no *Minho Pittoresco, O Occidente, Arte Portuguesa*. O registo desta colecção é bem gravado em madeira.

Lebel.—Bouasse Lebel imp[rimeur]. Paris (gravura): III, 51.

Leçoingt.—N. J. Leçoingt fecit [lithographia]: I, 88; IV, 222.—lith[ographou]: III, 112.—Nicolau José Possolo Leçoingt (ou Leçoing], segundo Raczyński, *ob. cit.*, pp. 171 e 235), foi bom litógrafo. Segundo Raczyński, *id.*, dava lições de litografia, quando elle escrevia o seu *Dictionnaire*, editado em Paris em 1847.

Leipold.—C. Relvas, Photogr[aphou].¹, J. Leipold, Phototyp[ographou].²: III, 168, 179. Joseph Leipold é operador de fototipografia. O registo, em que se vê o nome dele, é original do fotógrafo Relvas.

Lemos.—Sebastião de Lemos sculp[sit]: I, 62.—a f[ez]: III, 55.—S. J. Lemos inv[enit]. et sculp[sit]: IV, 13.—J. C. de Lemos des[enhou]. e grav[ou]. Porto: IV, 169.—Sebastião de Lemos, que será decerto S. J. de Lemos, é um bom gravador. O outro, J. C. de Lemos, do Pôrto, não fica atrás do primeiro. Não citados, não obtive deles qualquer noticia. Raczyński cita este apelido, mas nenhum dos nomes apontados coincide com os dos registos.

Lima.—T. A. de Lima del[ineou]. e esc[ulpiu]: IV, 82.—Theco. de Lima sculp[sit]: IV, 103.—Theodoro Antonio de Lima foi aluno de Francisco Bartolozzi, e gravou bem a talhe doce. Citam-no Raczyński, *ob. cit.*, pp. 25 e 172, e Patriarcha, *ob. cit.*, p. 21. Theco. de Lima será o mesmo; ¿mas chamar-se-ia Theodorico e não Theodoro?

Lopes.—Lopes: I, 196 [Coimbra 1903].—R. Lopes copiou. Mar[ques.] Abreu [fez]: I, 162.—Lopes (1905) grava em metal e faz zinco-grafias.

Lourens.—J. Lourens ou Loubens. Vid. Nogueira. Foi o autor do original do registo de Nogueira da Silva. Não lhe descobri noticia em Portugal; frequêntes vezes a gravura era feita por estampas e desenhos de artistas de fora de Portugal, e este pode ser um deles.

Lucius.—Lucius sculp[sit]: IV, 21.—Silva delin[eavit]. Lucius sculp[sit]: IV, 70.—Deve ser José Lucio da Silva que, nascido em 1763, era conhecido pelo nome de *Covinho*. O Patriarcha, *ob. cit.*,

¹ ¿ Ou Photogr[apho], em atenção da vírgula a seguir ao nome?

² Phototyp[ographo], *id.* Vid. *Fontes*.

p. 18, diz que no *Tratado de Artilharia*, traduzido em 1792, há muitas gravuras assinadas por *Lucius sculpsit, Lisboa, 1792*, o que condiz com os *registos*. Foi discípulo de Bartolozzi, o gravou muito bem. Vid. Raczyński, *ob. cit.*, pp. 61 e 62.

Machado.—J. C. Silva inv[enit]. G. F. Machadô sculp[sit]. Oli-sip[one]. in Typ[ographia]. Reg[is]. An. 1774: II, 42, 43.—Gaspar Froes Machado, nascido em 1759 em Lisboa, é o gravador que aparece também com o nome de Froes. Vid. este nome.

Macphail—Macphail lith[ographou]: II, 22; III, 133.—Macphil. Lith[ographou]: IV, 179, 222.—M. lith.: III, 159.—Macphail, que talvez nunca tenha estado em Portugal, foi um esplêndido litógrafo. Os *registos* desta colecção, feitos por elle, são graciosos e de bom trabalho.

Madrigali.—Fabio Madrigali sculp[sit]. Rom[a]. 1757: III, 16.—Madrigali podia ter sido citado pelo Conde de Raczyński in *Dictionnaire*, se tivesse estado cá, com os outros gravadores italianos, que estiveram em Lisboa no séc. XVIII. O *registo* d'ele porém, para tirar dúvidas, está datado de Roma em 1757. A gravura foi pois feita por encomenda, ou aproveitada, o que confirma comentários já feitos. O trabalho com que figura não o honra sobremaneira.

Malhoa.—Malhoa: I, 153.—O *registo* é recente; no desenho e no carácter se conhece. Nenhum artista antigo é citado com este nome em Taborda, no Patriarcha, em Cyrillo ou Raczyński. E dos posteriores apenas conheço o pintor contemporâneo José Malhoa, que não sei se será o autor da gravura, que não é boa; podendo ser d'ele o desenho, e este é gracioso, não se dá o nome do gravador que pouco honrou o desenho.

Mancel.—Mancel grav[ou], Braga: III, 31.—Mancel assina o *registo* em Braga. A gravura é medíocre.

Marianna.—A Sereníss[i]^{ma} Inf[ante]. D. Marianná⁴ Inv[entou]. e Pint[ou]. 1799, [God[inh].^o sc[ulpiu].: I, 21.—D. Mariana, Infanta de Portugal, *inventou e pintou* o original deste *registo*, óptimamente gravado em metal por Godinho. De obras da Infanta, filha de D. Maria I e D. Pedro III, fala Raczyński, *ob. cit.*, p. 40, quando diz que o gravador Joaquim Carneiro da Silva fez algumas estampas que copiou de obras da Princesa D. Maria Benedita, tia de D. João VI, (*id.*, p. 26), e da Infanta D. Mariana. Não deu elle porém noticias acêrca da Infanta, como as deu da primeira.

Marinho.—P. Marinho gr[avou]. ou só P. M. gr. [fotogravura ou gravura]: I, 145, 149, 151, 164, 169, 176, 177, 181, 187, 203; II,

⁴ ; Será a mesma Maria Anna, Infanta de Portugal? Vid. *Anna*.

92; III, 140, 145, 150, 155, 165, 166, 173, 174, 175, 177, 180, 181, 184.—P. Marinho ph[o].¹⁰ [photographou] gr[avou].: I, 153; II, 140, 141, 143, 145, 157.—Pires Marinho (1857) é um fotógrafo de Lisboa, notável pelas suas simile-gravuras, zincografias, fotogravuras, tricomias e estereocromia.

Matos.—Matos f[ez].: IV, 98. Vid. *Mattos*.

Mattos.—Mattos delin[eou]. Cardini Esculp[iu].: IV, 107. Vid. *Matos*.—¿Será Manuel de Mattos, de quem fala Cyrillo, *ob. cit.*? A gravura do *registo* com que está nesta colecção é medíocre. Cyrillo dá-lhe por datas biográficas extremas 1750–1718 (leia-se 1818). Foi Matos, seja Manuel ou José Pinhão de Matos (Raczynski, *ob. cit.*, pp. 193, 205, 232) quem o desenhou, foi Cardini quem o esculpiu num bom trabalho de *pointillé*.

Maurin.—Couderc Pinxit, L. Maurin lith[ographou].: III, 104.—L. Maurin tem na colecção de *registos* boas litografias. Faltam informações.

Michellis.—Michellis lith[ographou].: I, 110; II, 13; III, 84, 101 [Rodrigues in(ventou).], 125 [id.].—Michellis litografou bem os *registos* em que lhe aparece o nome aqui na colecção.

Miguel.—Miguel [Costa. Vid. *Costa*], Coimbra 1880, (Lithographia): III, 94.—¿Será Miguel Costa? Litógrafo medíocre, e de Coimbra (1880), concordam aqui e em Miguel Costa o nome e a obra.

Monteiro.—«Desenho em Pedra Portugueza das que forão achadas por Antonio Joaq.^m Dias Monteiro, Lithographo da Real Casa de S. Magestade Fidelissima»: I, 79.—¿Será o gravador Antonio Maria de Oliveira Monteiro (1785–1845)? Este foi discípulo de Bartolozzi. No *registo* substituiu a gravura pela litografia, que é boa, e bem composto o assunto, o que mais me leva a crer na concordância, embora nos nomes haja discordância grande.

Moraes.—Moraes: I, 30.—M. Moraes gravou. Porto: II, 49.—M. Moraes, de quem não tenho notícia, deve como muitos outros, ser desconhecido, mesmo quando assinaram as obras; a gravura do *registo* é medíocre.

Netto.—D. Netto: I, 175.—Não obtive dêlle esclarecimento bibliográfico; não tendo sido citado por Raczynski, *ob. cit.*, deve ser posterior ao ano de 1847, porque é bom gravador a talhe doce, e não seria esquecido.

Neves.—Neves f[ez].: I, 60; IV, 70.—Neves gr[avou].: III, 61.—Fran[cis].^{co} da Silva Neves sc[ulpsit]. in[venit].: I, 234.—Francisco da Silva Neves não foi citado ainda. Nem Cyrillo nem Raczynski

o mencionam. O valor artístico dos *registos* desta colecção revelam-no muito desigual; menos mau em gravura a traço, é inferior em *pointillé*.

Nogueira.—Nogueira: I, 42.—Nogueira da Silva (1830-1868) gravou em madeira e foi dos que mais e melhor trabalharam neste período de ressurgimento da xilografia, ao lado de Bordalo Pinheiro e José Maria Baptista Coelho. Vid. *Diccionario historico e chorographico*, já citado.

Noronha.—Des[enhou]. Luis Maria de Noronha. Grav[ou]. Naraná Biqueira Xette [*Registo da India Portuguesa*]: I, 187.—Noronha apenas desenhou para o *registo* onde vem o nome d'ele.—Não vejo em Raczynski este nome. Deve ser qualquer debuxador de santos muito modesto, pois o desenho é mau, além da hipótese, aqui ao que parece inverosímil, de ser a culpa atribuída ao gravador.

Nova.—J. C. V.^a Nova del[ineou]. e. sculp[ui]. Discip[ulo]. de L. M. L. Vas.^{cos} Porto: I, 66.—J. C. Villa Nova desenhou e esculpiu o *registo* no Pôrto. Será moderno? A gravura a *pointillé* é dum carácter especial, velada, que lembra as nebulosidades do pintor francês E. Carrière.

Nunes.—Nunes J.^{or} gr[avou].: II, 25.—Antonio José Nunes Junior (1840-1891) foi professor de desenho na Academia de Belas Artes de Lisboa. Foi discípulo de Henri Dupont (Paris) em gravura a talhe doce; é gravador de bom nome e aqui o não desmerece. Vid. Poças Falcão, *Biographia do Municipio de Lisboa*, Lisboa 1902, pp. 88 e 89.

Pacheco.—Pacheco lith[ographou].: I, 122.—F. Pacheco: II, 1. É um litógrafo medíocre.

Padram.—Vieira inv[enit]. Padram inc[isit].: III, 62.—Antonio Joaquim Padrão (sec. XVIII) foi mestre do gravador Carpinetti. Foi bom artista, mas o *registo* com uma gravura em cobre representa-o mal. Raczynski, *ob. cit.*, p. 216, fala de uma bela gravura de Padrão, que representa a cidade de Lisboa. Teve por mestre Vieira Lusitano, *ob. cit.*, p. 298. Vid. *Padrão*.

Padrão.—Ant. I. Padrão f[ez].: III, 55 Vid. *Padram*.

Pastor.—Pastor: I, 143, 153, 168, 198, 199; II, 78; III, 137, 140, 141, 143, 153, 155, 169, 177, 180.—P.^{or}: I, 168.—Francisco Pastor é, com Marinho e antecedente a este, um bom fotogravador. Também fez gravura em madeira.

Pedroso.—S (?) Pedrozo: I, 164.—J. Pedrozo: III, 168.—J. Pedroso aparece nesta colecção de *registos* com fotogravuras e boa gravura em metal. Vid. *Artes & Letras*, gravuras.

Potte. — Potte gr[a]v[ou]. [Braga]: I, 42; II, 38; III, 14. — Potte f[ez]: I, 215. — Potte Grav[ou]. Braga: I, 222; II, 20; III, 31. — Potte ou Potté assinou os *registos* em Braga. É posterior a Raczyński; nem é citado, nem a gravura tem carácter. Gravou bem a *pointillé*, com desenho medíocre.

Princeps. — M. B. Princeps inv[enit]. J. C. Silva sculp[isit]: I, 233. — Princeps Maria Benedita (1746–1829) inventou e Joaquim Carneiro da Silva gravou. A Princesa, tia de D. João VI, era amadora de pintura, e há dela na Basilica da Estrela um quadro, e outro na galeria real da Ajuda. Vid. Raczyński, *ob. cit.*, p. 26. Já, quando falei da Infanta D. Mariana, disse que o escultor Joaquim Carneiro fez estampas, que copiou de obras destas princesas. Êste *registo* é uma dessas estampas.

Queiroz. — Vid. *Sequeira*, n.º 2. — Queiroz fez: I, 230; IV, 21, 53, 104. Q.^{ra} — fez em 1820: IV, 11. — G. F. de Queiroz inv[entou]. e Sculp[ui]. em 1839, idade de 70 [annos]: IV, 13. — Gregório Francisco de Queiroz (1768–1845) foi discípulo de Bartolozzi em Londres. Na história da gravura portuguesa ocupa entre os portugueses os primeiros lugares. Gravou o desenho de Sequeira «*A sopa económica*», onde se vê o povo da capital confluído da província, na 3.^a invasão francesa. A gravura a *pointillé* executou-a muito bem. Vid. Patriarcha, *ob. cit.*, p. 349; Cyrillo, *ob. cit.*, 293 e 294; Raczyński, *ob. cit.*, pp. 237 e 238.

Quinto. — Quinto gr[avou]: III, 16; IV, 181. — Quinto f[ez]: IV, 82. — Dêste gravador não colhi informação, mas estou convencido de que será discípulo, e bom discípulo, de Queiroz, gravando êle bem a talhe doce. Não foi citado; estaria a estudar à data do *Dictionnaire* de Raczyński, ou seria ainda mal conhecido (1847).

Ralli. — G. Ralli p[rintou]. G. Assis f[ez]: III, 47. — G. Ralli desenhou ou pintou bem e com boa composição o original do *registo*, que Assis gravou em metal. O original, como outros, foi copiado de quadro ou de estampa.

Relvas. — C. Relvas, Photogr[apho]. J. Leipold Phototyp[ographou]: III, 168, 179. — C. Relvas fotografou o original (escultura) da imagem, que foi reproduzida por Leipold em fototipia.

Rochefort. — «aberto por Pedro de Rochefort, abridor del Rey. Lisboa 1732»: I, 232; II, 47. — Raczyński menciona-o como simples pormenor biográfico de Charles de Rochefort. Êste era filho de Pedro de Rochefort. Mas no *registo* da colecção figura o autor como sendo *abridor del Rei*; deve porém haver equívoco, porque se fôsse êste o *abridor*, como seria esquecido? ; E donde parte o equívoco? Deve

ser qualquer *qui pro quo*. Rochefort foi um dos gravadores, que vieram a Portugal no tempo de D. João V, activo propulsor das letras e das artes tipográficas; e entre elles foi dos mais fecundos, com Debrie, *Abridores de Buril*, como então se dizia. A gravura desta colecção é admirável. Vid. o contrato d'este gravador assinado por elle em 1726 e Diogo de Mendonça Côrte Real, embaixador de Portugal na Haia, in *O Arch. Port.*, xix, 39 e 40, em apresentação do Sr. Pedro de Azevedo. Vid. Raczynski, *ob. cit.*, pp. 39 e 247; Patriarcha, *ob. cit.*, ed. de Correia Caldeira, iv, p. 356; Vid. *Catalogo* de Debrie, pelo Dr. Brum, p. 7. (Veja-se *Debrie*).

Rodrigues.—Rodrigues in[ventou]. Michellis lith[ographou].: iii, 101, 125.—Vid. *Roiz.*—¿Será Antonio Fernandes Rodrigues, brasileiro, que, como diz Raczynski, veio a Lisboa em 1758? Elle foi architecto, escultor e *gravador*. Morreu em 1804. Desenhou qualquer allegoria, que foi gravada em França, em honra do Marquês de Pombal. O *registo* desta colecção ou foi copiado de gravura ou de desenho, porque está litografado e bem por Michellis. Vid. Raczynski, *ob. cit.*, 248; Cyrillo, *ob. cit.*, pp. 288 e 289.

Sá.—Sá lith[ographou].: iii, 103.—É um litógrafo razoável.

Salvador.—Emm[anue]l. Salvador sculp[si]t. Vieira inv[enit]. fecit. 1767: i, 65.—Emmanuel Salvador é gravador posterior a Raczynski, que o não menciona no *Dictionnaire*. O *registo* é uma boa gravura a talhe doce dum desenho de Vieira Lusitano. Assim como gravadores de cá faziam cópias a buril de desenhos de artistas estrangeiros, mesmo quando se tratava de copiar desenhos e quadros de altares, o mesmo se dava no país entre os artistas.

Santo.—E. Santo: i, 54, 55.—Conta nesta colecção um *registo* de mediocre gravura em metal. Não é citado.

Santos.—*A. dos Santos* fecit. Porto: i, 47; ii, 55, 59.—J. J. Santos a [fez]. Lx.^a 1832: iii, 14.—*J. Santos &* [fecit]. 1831: i, 54; 1832: i, 54; 1867: iv, 133; 1868: i, 7.—«*Santos ex culpiu*. Porto»: i, 1 [colorido], 56.—Id. «*ex culpiu*»: iii, 48; iv, 132.—Id. «*ex culpiu*. Ventura S.^a inv entou»: i, 52.—Id. «*exculpiu*. Porto. Ventura S.^a inventou»: i, 52.—«Id. f[ecit].»: i, 8, 11, 12, 15, 17, 28, 31, 46, 210, 216, 218, 222; ii, 26, 27, 39, 44, 46, 57, 59, 62, 65; iii, 4, 17, 34, 46, 53, 56, 61; vi, 54, 58, 65, 86, 88, 89, 97, 102, 103, 162.—Id. fec[it]. Porto: i, 47, 207; ii, 45.—Id. re[c]t[ificou]. Porto: i, 9.—Id. sc[ulpsit]. Porto: ii, 63; iii, 198.—*Santos*: i, 57; iv, 177.—*Santos*, Porto: i, 30, 232 [colorido]; iii, 40; iv, 172.—«*An.^{to} Joaq.^m de St.^a Vas.^{cos} Dez[enhou]*.», Santos fez. Porto: iv, 80. Vid. *Siglas.*—¿*A. dos Santos* será Antonio José dos Santos, aluno de

João de Figueiredo, e desenhador de história natural no Museu de Belém? Foi gravador. Raczynski, *ob. cit.*, pp. 98 e 257.— João José dos Santos foi gravador da Academia de Lisboa, nascido em 1806. Foi o colaborador de Raczynski, *ob. cit.*, pp. 258 e 259. Era bom gravador.

Sarmento.— J. Sarmento. Escola Apostolica. Guimarães: I, 206; III, 140, 175, 177.— Da forma como as indicações são feitas nos *registos*, não sei depreender se Sarmento é o fotografo deles ou simplesmente editor. Figura nas duas listas.

Sendim.— Sendim lith[ographou]: III, 117.— Foi um magnifico litografo portuguez. É conhecida, muito vulgarmente, a collecção de litografias dele, que se referem ao ciclo historico do Marquês de Pombal. Chamava-se Mauricio José Sendim, e foi distinto discipulo de Sequeira. Vid. Ignacio de Andrade, *Cartas da India*, 2.^a ed., II, 205.

Sequeira.— 1) Sequeira, dez[enhou]. $\text{R} \text{R} \text{R}$ 1864: I, 20.— 2) «In-v[entada], e del[ineada], por D.^{os} An.^{to} de Siqueira Gravada e Offrecida A S. Alteza Real o Senhor D. João Principe do Brazil, por Gregorio Fran.^{co} d'Assis, e Queiróz»: I, 21.— Domingos Antonio de Sequeira foi o melhor desenhador da história da arte portuguesa; *son talent était d'un ordre supérieur*, disse Raczynski no *Dictionnaire*, p. 263. Êle, que muito procurou agitar o meio artistico portuguez, luta em que foi vencido por invejas duns e mercantilismo grosseiro ou ignorância da maior parte, era o eixo da arte portuguesa no seu tempo, caracterizado no Paço da Ajuda. Desenhando com extrema prolixidade e mestria, os desenhos foram aproveitados para *registos* ou a tal fim destinados, como no Santuário do Bom Jesus do Monte há *ex-votos* de retábulos pintados por êle. (Vid. *Portugalia*, III, 196, e o meu artigo de «Milagres» in *O Arch. Port.*, XIX, 158). Assim João José dos Santos, Queiroz e Assis reproduziram, e bem, desenhos de Sequeira. Os desenhos de Sequeira nem sempre são destituídos de falhas, mas a beleza da composicção e a elegância de linhas tudo desperta uma admirável desculpa. Vid. Cyrillo, *ob. cit.*, pp. 148-151; e Raczynski, *ob. cit.*, pp. 261-271. No Museu de Arte Antiga, om Lisboa, há uma valiosissima collecção de desenhos de Sequeira, na sala que tem o nome dele. Nas *Cartas da India*, de J. Ignacio de Andrade, 2.^a ed. (1847), II, 202, vem elogio do valor de Sequeira e retratos feitos por êle que foram belamente litografados por Dias Costa. Vid. o artigo de Sousa Holstein, in *Artes & Lettras*, 3.^a serie, 1874, pp. 75, 89, 104, 122, 137, 150 e 166.

Serrano.— Serrano lith[ographou]: II, 13; III, 124.— Litografou, e com valor medfoere, os seus *registos*.

Silva.—*A. J. Silva* inv[entou]. e lith[ographou].: III, 123.—*D. J. Silva* esculp[iu]. (ou sculp[sit]. Vid. *J. C. Silva delin.*): II, 44; III, 128; IV, 2.—*I. C. S[ilv]^a* inv[enit]. et sculp[sit].: II, 64.—*I. C. Silva* inv[enit].: IV, 92.—*J. C. Silva* sculp[sit]. *M. B. Princeps* inv[enit]. 1779: I, 233.—*J. C. Silva* invenit. *G. F. Machado* sculp[sit]. *Olisip[one]* in *Typ[ographia]*. *Reg[ia]*. *An[no]*. 1774; II, 42, 43.—*J. C. Silva delin[eavit]*. Em 1817 *D. J. Silva* Sculp[sit].: IV, 2.—*J. C. S[ilv]^a* sculp[sit].: IV, 20.—*J. R. da Silva*, Phot[ographo].: I, 152.—*J. Silva*: I, 194.—*Silva* inv[enit]. et sculp[sit].: I, 165.—*Silva* se[culpsit].: III, 2.—*Silva delin[eavit]*. *Carvalho* sculp[sit].: III, 24, 41.—*Id.* *Lucius* sculps[it]. IV, 70.—*Silva*, o primeiro artista que figura com este nome, *inventou* os desenhos e litografou-os bem.—*A. P. da Silva Braga*. Vid. *Braga*.—*Domingos José da Silva* foi discípulo de *Bartolozzi*, e o que melhor recebeu as lições do mestre segundo transcrição feita pelo *Dictionnaire* de *Raczynski*, que também diz não ter ele feito muitas gravuras mas serem boas as que fez. Vid. *ob. cit.*, p. 273 (1787–1850?).—*Joaquim Carneiro da Silva* *inventou* o *registo*, que dele há na coleção, e o desenho é bem feito. É possível que seja também o gravador, pois que está bem gravada a composição, e foi *Carneiro* o mestre dos melhores gravadores portugueses, e o primeiro que em Portugal fez gravura. Em 1769 abriu em Lisboa uma escola de gravura, que esteve anexa á *Imprensa Real*, e foi *Joaquim Carneiro* quem a dirigiu. Vid. *Raczynski*, *ob. cit.*, pp. 39–41.—*J. R. da Silva* é fotógrafo. ¿*J. Silva* será *Jerónimo da Silva*, pintor (séc. XVIII), ou *José da Silva*, escultor? Foram estes mencionados no *Dictionnaire* de *Raczynski*, p. 275.—*M. B.* são as iniciais da *Infanta D. Maria Benedicta*. Vid. *Benedicta*.

Torner.—*Torner*: I, 168.—Gravou mediocrementemente em metal; terá sido, como outros desta coleção, um autor tam desconhecido como os outros, que não se assinaram.

Vasco.—*G. Vasco*: III, 16.—¿*G. Vasco* será *Vasco Gonçalves*? Este era ourives e gravador da *Moeda*, podia ter feito gravura para outros destinos. Ou o *registo* é uma boa gravura em metal de uma *Mater Dolorosa*, que um incerto *Grão Vasco* tivesse pintado, para um anónimo gravar dois séculos depois, e gravar bem.

Vasconcelos.—*An.¹⁰ Joaq.^m de Sz.^a Vas.^{cos} Dez[enhou]*. *Santos* fez *Porto*: IV, 80.—*Antonio Joaquim de Sousa Vasconcellos* desenhou a gravura que *A. Santos* fez. Não é citado no *Dictionnaire* de *Raczynski*.

Ventura.—*Ventura S.^a* inv[enit]. *Santos* exc[ulpsit].: I, 52, 216;

II, 24. — Id. Santos exc[ulpsit]. Porto: I, 52. — Id. pin[xit]. ou jnv[enit]. Santos exc[ulpsit] Porto: II, 29; III, 43. — Ventura da Silva foi discípulo de Joaquim Carneiro da Silva. Na colecção tem um *registro* que desenhou bem, e não sei se gravou. Raczyński, *ob. cit.*, pp. 40, 276, 294.

Vidal. — Vidal: III, 137. — Gravou regularmente em metal. É posterior a Raczyński, que o não menciona.

Vieira. — † Vieira inv[enit]. fecit. 1767. Emm.¹ Salvador sculp[si]t.: I, 65. — Vieira iny[enit]. Padram inc[isit].: III, 62. — Vieira inv[enit]. Lx.^a: IV, 131. — Vieira Lusitano inventou [quem gravou? gravura péssima]: IV, 164. — Francisco Vieira de Matos, conhecido, por distincção de homonímia, pelo nome de Vieira Lusitano, foi pintor português que Raczyński disse podia rivalizar com bom número dos mais cotados artistas europeus (1699-1783). Na Biblioteca de Évora há uma grande colecção de desenhos. Foi discípulo de Lutti e Trevisani, em Roma. Um dos *registos* coleccionados aqui, foi feito em 1767 (inventado), e gravado por Salvador. O segundo foi gravado por Padrão. O outro foi feito por Vieira, mas o gravador era tam máo que o *registro* é dos mais ordinários da colecção, vendo-se porêem nele vestígios de original, bem imaginado. Vid. Raczyński, *ob. cit.*, pp. 296-299; Cirylo, *ob. cit.*, pp. 99-104, 116.

Xavier. — Januario Ant.^o Xe.^r af[ez].: I, 22, 226; III, 37; IV, 179. — J. Ant.^o Xe.^r a fez ou af[ez].: II, 51, 51 [Lx.^a ano 1765]: III, 195; IV, 94. — J. Ant.^o Xavier af[ez]. Lx.^a: III, 2 [1766], 18; IV, 20. Januario Antonio Xavier (1765-182...) foi gravador citado pelo Patriarcha, *ob. cit.*, p. 17, e por Raczyński, *ob. cit.*, p. 305. Compôs bem e gravou razoavelmente os desenhos que fez.

Xette. — Grav[ado]. por N. B. Xette [India]: I, 187. — Des[enhou]. Luis Maria de Noronha. Grav[ou]. Naraná Biqueira Xette [India]: I, 187. — Naraná Biqueira Xette é um medíocre gravador em metal de *registos* de S. Francisco Xavier, Apóstolo das Indias. Como se vê do nome e da informação dos *registos* coleccionados, é um modesto artista canarim, de terras de Goa.

Abreviaturas

Alm.^{da} ou Almd.^a — Vid. *Almeida*.

Ba. — Bern[ardo]. Fr[eir].^e Ba. ou Bq. exc[ulpiu]. Lx.^a 1738: II, 44. Vid. *Freire*. Será *Ba.* abreviatura de B[aptista]?

Bq. — Vid. *Ba.*

Carp. — Vid. *Carpinetti*.

Carv.^o — Vid. *Carvalho*.

Fern.—Vid. *Fernandes*.

F.^{re} ou Fr.^e—Vid. *Freire*.

Fon.^{ca}—Vid. *Fonseca*.

God.^o—Vid. *Godinho*.

Hero.ⁿ—Hero.ⁿ F[ecit]. L. sc[ulpsit]: III, 63.


Roiz.—Roiz. Gr[avou] em Lx.^a: III, 21 [colorido], —43. É possível que a abreviatura tivesse sido empregada pelo gravador Rodrigues. Vid. *Rodrigues*. Gravou em Lisboa, diz o *registo*, que é pequeno e bem composto, embora não muito bem gravado.


S.^a—Vid. *Silva*.

Xe.^r—Vid. *Xavier*.

Ilegíveis.—Sigla: II, 75; ..?.. Lx.^a 1766: III, 53. Safado Lx.^a: III, 65, 114; IV, 16, 17, 56.

Iniciais.—A. A. gr[avou]: I, 61.—A. B.: I, 126 [1876]; III, 124 [1877].—A. M. O. F.: I, 165.—A. S.: I, 192.—C. f[ez]: I, 64; II, 23; III, 47, 59; IV, 135, 173.—Ch.: IV, 175 [côr].—D.: II, 13.—F. fec[it]: III, 132 [Lx.^a 1791].—F. U. Porto (photogravura): III, 150.—F. J. R. fez: III, 8.—G. f[ez]. Vid. *Godinho*.—L. sc[ulpsit]: III, 63.—J. R. L.: I, 202.—L. C.: I, 170.—M. C. [lithographia]: II, 8; III, 99.—M. C. des[enhou] (lithographia): III, 100.—M. C. J. (a f[ez] em X.^{bro} de 1834): I, 10.—M. S. G. f[ez]: IV, 9. Vid. *Godinho*.—M. F. [gravura]: III, 73.—N. J. L. lith[ographou]: I, 78.—P.^{or} [Pastor]: I, 168.—P. f[ez]: II, 22 [1859], 26 [id.].—P. M. gr[avou]. [Marinho]: I, 145, 149.—P. S: II, 59 [1832]; III, 198.—R: I, 13, 14, 26, 32, 62, 224; II, 49, 52, 56.—R. f[ez]: I, 64.—R. C.: I, 192.—S. lith[ographou]: III, 80.—S. P.: II, 5.

Siglas.— & [= fecit = fez]. Esta sigla aparece mais ou menos inclinada, e, às vezes mesmo, quasi deitada. Quere indicar o nome do gravador, que aparece também escrito assim: J. Santos & [I, 7], ou Santos f. (I, 8; etc.). Vid. *Santos*.

I, 2, 20 [Sequeira dez(enhou),  & 1864], 38 [1855], 58 [1855, Lx.^a], 66 [18²⁰/₄61], 156 [1884], 207 [1863], 211; II, 34 [1864], 62, 66; III, 11 [1878], 58 [1870], 191; IV, 91, 104 [1867], 178.

Sem nomes.—Coimbra, 1843: III, 91.

Mandou fazer ou gravar ou abrir.—«Mandada fazer [imagem] pela sua AIA T. J. Gomes, em 18¹/₈63»: I, 54.—«Mandada gravar (ou

fazer por Pedro Gomes»: I, 66; IV, 178 [18 $\frac{12}{9}$ 62]. — «A Mesa mandou gravar em outubro de 1863 [1863]»: I, 207. — «O Prior de S.^{ta} Cruz a mandou abrir»: I, 11. — «A Mesa da predicta Confraria [de N. S.^a das Dóres, na sua Capela de Elvas] fez gravar no anno de 1844»: II, 32. — «Sendo mordomo Manuel Fernandes Cosme no anno de 1882 a 1883 [N. S.^a do Pranto, freg.^a de Miranda do Corvo]»: II, 97. — «Os festeiros, A. F. Pinheiro, D. C. F. Vaz, J. S. Lindão e P. F. M. Pinto, 1897»: II, 98. — «A Meza mandou gravar em outubro de 1863» [Snr. Bom Jesus da Piedade, extramuros da cid. de Elvas]: III, 88.

Dedicadas. — «Ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Carlos I, Cardial Patriarca, feito por Queiroz em 1820»: IV, 11.

PARTE III

Lista relacionada por lugares, em que se faz menção de editores, fabricantes e oficinas

Alcobaça. — Typ[ographia]. de A. M. d'Oliveira: I, 134. Typ[ographia]. de A. Coelho da Silva: I, 135, 153.

Ançã. — Typ[ographia] de J. M. Ribeiro 1903: II, 100.

Beja. — «Off[icina]. de S[ou]z.^a Porto»: III, 114.

Braga (?). — Brach. Lith[ographia]. Brach[arense]. (?): III, 106 (1855).

Braga. — **Costa Braga.** Pap[elaria]. e Typ[ographia]. Costa Braga & C.^{as}: I, 171. Pap[elaria]. e Typ[ographia]. Occidental. Terceiros: I, 159, 174. Typ[ographia]. e Papelaria Universal: III, 165, 171.

Certã. — Minerva Celinda: I, 168, 190. Minerva Certaginense: I, 190.

Coimbra. — **Costa.** Adelino Costa. Lith[ographia]. J. de Adelino Costa. Coimbra. Vid. *Cástilho* (Pateo do). **Dores.** Lith[ographia].^a de J.^o das Dores, em Coimbra: III, 92. **Gomes.** Typ[ographia]. de Reis Gomes. Coimbra: III, 155. **Graça.** Edição da Tabacaria Graça. Coimbra. Photogravura de Marinho: I, 158. **Leitão.** Typ[ographia]. Reis Leitão: II, 97, 99 (1896). **Macedo.** Lith[ographia]. de Macedo e Filho: I, 131 (1869). **Pacheco.** Lith[ographia]. de Pacheco: I, 110, 122; III, 113, 117. **Reis.** Vid. *Leitão*. **Silva.** Typ[ographia]. de M. C. da Silva: I, 139, 143, 177, 184, 188, 190; II, 68, 77, 99, 100; III, 136. **Borralho (Rua do).** Lithographia de Germano José Sarmento. Rua do

Borrvalho, n.^{os} 13 a 15: I, 72, 104, 127, 130; II, 15; III, 77. **Castilho (Pátio do)**. Lithographia de Adelino Costa: I, 70 (1891), 75 (1881), 75 (1885), 76, 79, 88, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 109, 116 (1886), 121, 128; II, 2, 5, 8, 11 (1887), 16 (1889); III, 73, 74, 75, 86, 87 (1887), 91 (1890), 98 (1885), 98 (1886), 99, 100 (1888), 109 (1884), 116, 120, 122 (1885), 125. **Correio (Rua do)**. Lith[ographia]. da R. do Correio, n.^o 41: I, 103, 108, 113, 120 (1871); II, 14 (1870); III, 72 (1871), 87 (1869), 90 (1871). **Cozinhas (Rua das)**. Lyth[ographia]. Academica: I, 120; II, 1. **Feira (Largo da)**. Lithographia de S. Porto: I, 73 (1893), 80, 103; II, 3, 9; III, 118 (1885). **Feira (Marco da)**, n.^o 4. Lithographia de Manuel Marques Ribeiro: I, 69, 69 (1888), 72, 75 (1885), 80, 81, 90, 102, 104, 105, 106 (1885), 111, 112 (1892), 113, 123 (1897), 129 (1891), 131; II, 1 (1892), 2, 3, 4 (1887), 5, 8, 11 (1892), 14 (1885), 21; III, 70 (1880), 79, 108, 115, 118, 121 (1885), 123, 124 (1887), 130. **Larga (Rua)**. Lithographia de Manuel Marques Ribeiro. Rua Larga, 48-52: I, 108, 124; II, 13, 22; III, 75, 88, 127. **Tomás (Rua de Fernandes)**: I, 75; III, 76. **Universidade**. Lithographia da Imprensa da Universidade: I, 74, 84, 86. **Litografias**. (Sem designação de ruas ou de proprietários).—Typ[ographia]. Lith[ographia]. da Havaneza Academica: I, 71, 79, 86, 87, 90, 91, 110, 124; III, 77. Lith[ographia]. de Macedo e Filho: I, 131 (1869). **Casa Minerva**: I, 133 (1903), 149 (1901), 161 (1902), 162 (1903), 166 (1886), 167 (1898, 1900), 175 (1894), 179 (1903), 182 (1896), 188 (1901, 1903), 189 (1902), 193 (MXC-III-V), 194 (1901, 1904), 195 (1900, 1904), 196 (1900, 1903), 197 (1902, 1904), 203 (1903), 204 (1902, 1903); III, 139 (1903), 148 (1904), 152 (1902), 153 (1898, 1903), 155 (1903, colorido), 165 (1903), 176 (1902), 178 (1901). Lith[ographia]. **Minerva Central**: I, 72, 74, 89; II, 3, 8, 9, 11; III, 71, 78, 119. Vid. *Dores, Macedo e Pacheco*. **Tipografias**. (Sem designação de ruas ou de proprietários).—«Typ[ographia]. Auxiliár d'Escriptorio»: I, 136 (colorido), 138, 139, 140, 141, 142, 146, 164, 170, 176, 180, 183, 184, 185, 186, 193, 200, 205; II, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 99; III, 136, 140, 148. «**Casa Minerva**»: I, 137 (1894, 1898), 138 (1895, 1898), 142 (1898), 144 (1903), 145 (1902), 146 (1894, 1895), 147 (1898), 148 (1902), 149 (1898, 1901), 154, 156 (1900, 1902); II, 78, 98. «**Nova Casa Minerva**»: I, 159 (1903, 1904), 180, 181, 186, 205. Vid. *Litografias*.

Covilhã. — Typ[ographia]. Guimarães & Filho: II, 91 (1902).

Elvas. — Typ[ographia]. Progresso: II, 78.

Famalicão. — «Typographia Minerva»: I, 173.

Fayal (Ilha do).—Lith[ographia]. Fayalense: III, 85.

Figueira da Foz.—Imprensa Lusitana: I, 150 (1894, 1895, 1898); II, 93. Couto. Lithographia Figueirense: I, 70, 108; III, 94, 99.

Figueiró dos Vinhos.—«Typ[ographia]. F. A. d'Aguiar»: I, 153 (1902), 185 (1901, 1903); II, 97 (1900, 1903), 98 (1903); III, 169 (1903).

Goa.—Gomes e filhos prop[oseram]. (?) (Goa). (Bouasse Lebel imp[rimiu]. Paris): III, 51.

Guimarães.—J. Sarmiento. Escola Apostolica: I, 206; III, 140, 175, 177. Vid. *Sarmiento*, in Lista dos gravadores, etc. Escola Apostolica: I, 145, 206. Typographia Guise: I, 172. Pap[elaria]. e Typ[ographia]. Minerva Vimaranesense: I, 158. Typ[ographia]. Silva Caldas. Rua da Rainha, 1888: I, 175.

Leiria.—Typ[ographia]. Leiriense: I, 134 (colorido), 135 (id.): II, 95.

Lisboa

I.—Editores e fabricantes

Ambrosy.—Manuel d'Ambrosy Junior, Lx.^a: II, 39. Vid. *Calafates* (Rua dos).

Antonio.—Manuel Antonio, Lx.^a Vid. *Tabaco* (Jardim do).

Bastos.—Lopes & Bastos. Vid. *Martyres* (Rua dos).

Braga.—Lith[ographia] de Silva Braga: I, 93. Vid. *Braga*, na Lista dos gravadores, etc.

Carvalho.—Luis José de Carvalho, Lx.^a Vid. *Paulistas* (Rua dos).

Castro.—Vid. *Castro* na Lista dos gravadores, etc. Vid. *Loreto* (Rua do), *Magdalena* (Largo da), *Mouraria* (Calçada da), *Martyres* (Rua dos), *Poço Novo*, *Procissão* (Rua da).—Typ[ographia]. Castro Irmão. Lx.^a: III, 172.

Fonseca.—José da Fonseca, Lx.^a Vid. *Arcenal*.

Freire.—Typ[ographia]. e Lith[ographia]. de Freire, Gravador: I, 178; II, 92, 100.

Gradil.—J. A. F. Gradil, Lx.^a Vid. *Domingos* (Travessa de S.).

Guedes.—Lith[ographia]. Guedes, Lx.^a: III, 85, 89 (cromo-lithographia).

Lemos.—A. C. Lemos. Vid. *Quintella* (Largo do), *Francisco* (Rua de S.).

Libanio.—Vid. *Silva*.

Lopes.—Vid. *Bastos* (editores) e *Martyres* (Rua Nova dos).

Luis.—Lithographia de Manuel Luis: I, 88.

Manuel.—Francisco Manuel, Lx.^a Vid. *Antão* (Portas de S.^{to}) e *Paceio, Paçco, Passeio*.

Mattos.—Livreiro Mattos (Joaquim José de), Lx.^a Vid. *Francisco* (Rua de S.) e *Martyres* (Rua Nova dos).

Maurin.—Vid.: *S. Bento* (Rua de) e Lista dos gravadores, etc.

Morando.—Vende-se na Offic[ina]. de J. B. Morando, em Lx.^a: I, 10; II, 60; IV, 75.

Nogueira.—«Ateliers Graphicos de Brito Nogueira»: III, 114.

Nunes.—Nunes & C.^a Lx.^a Vid. *Pedro* (Praça de D.). José Lázaro Nunes, Lx.^a Vid. *Retrozeiros* (Rua dos).

Pardal.—E[stamparia]. de J. C. Pardal. Travessa de S. Domingos: I, 8.

Peijssonneau (Pedro Luis).—Vid. *Almada* (Rua Nova do, n.^o 45) e *Ouro* (Rua do, n.^o 6).

Pinheiro.—José Luis Pinheiro. Lx.^a Vid. *Chiado, Martyres e Sacramento*. Francisco Luis Pinheiro. Lx.^a Vid. *Martyres* (Rua Nova dos).

Ramalho.—José Antonio Ramalho. Lx.^a Vid. *Patriarchal*.

Ribeiro.—Antonio Joaquim Ribeiro. Lx.^a Vid. *Padaria* (Rua da), *Paderia, Padeiria*. Mathias Ribeiro. Lx.^a Vid. *Padaria* (Rua da), *Paderia*. Viuva Ribeiro. Lx.^a Vid. *Padaria* (Rua da).

Silva.—«Imp[rensa]. de Libanio da Silva», Rua das Gaveas, n.^{os} 29-31: II, 89.

Singer.—Brinde da Casa «Singer», Fotogravura de S.^{ta} Joanna, em Aveiro, por Marinho grav[ador].: III, 155.

Soares.—Soares & C.^a Lx.^a Vid. *Cumões* (Largo de).

Vasques.—Vid. *Chiado*.

Verol.—Livraria Verol S[eni].^{or}, Rua Augusta, 169-171 (militar á porta): III, 132.

Ziegler.—Officina lithographica de V. Ziegler: I, 78.

II.—Casas de venda e fabrico

Alcantara.—Na Real Fabrica de Estamparia, a S. Pedro de Alcantara: I, 17.

Almada (Rua Nova do).—N.^o 34: II, 37.—N.^o 45: I, 4, 5, 16, 37 (colorido), 38, 45 (id.), 61, 221; II, 30, 51, 60; III, 4, 52, 60, 191, 195, 199, 200; IV, 6, 64, 65, 66, 68, 72, 76, 78, 108, 168. Id. Peijssonneau (editor): I, 40, 231; II, 30, 62; III, 30; IV, 59, 95, 164.—N.^o 69: III, 20; IV, 17, 93, 176.—N.^{os} 75, 77: I, 2, 3, 39, 221; II, 32, 62; IV, 1, 6, 69, 163.

Antão (Portas de S.^{to})—«Loge de Fr.^{co} Me.^l as P. de S.^{to} A. Lx.^a»: I, 45; III, 55, 193.

Arcenal (Rua do).—Na «Loja do Joze da Fonseca o Arcenal Lx.^a»: I, 11, 64, 211; III, 58, 196; IV, 180. Na «Loje de Jozé da Fon.^{ca} o (ou) Arcenal»: I, 48; III, 18, 32, 54; IV, 9, 173, 180. Na «Loja do Joze da Fon.^{ca}: na Rua do Arcenal Lx.^a»: IV, 99.

Arsenal (Rua do).—Vid. *Arcenal*.

Augusta (Rua).—169-171, Livraria Verol S.^{or} (militar á porta): III, 132.

Barão (Largo do Conde).—Lithographia. Companhia Nacional Editora ao Conde Barão. Lx.^a: III, 102 (colorido), 108, 134; IV, 207 (colorido).

Bento (S.).—Lithographia de Maurin, rua dos Poijaes de S. Bento, n.^o 7: III, 104.

Calafates (Rua dos).—«Achase em Caza de M. D. A. Junior na R. dos C. N.^o 116 Lx.^a»: I, 8; II, 39; III, 15, 198; IV, 7, 61 (côr).—«Manoel D. Ambrozy Junior»: II, 39.

Camillios (Arco dos).—«Vendese ao Arco dos Camillios N.^o 5. Lisboa: IV, 96.—A Rua dos Camillios é célebre na Historia da Arte em Portugal, por ter sido af a sede da Academia do Rei no sec. XVIII; um dos directores foi Pedro Alexandrino, outro foi Eleuterio Manuel de Barros, gravador. Vid. em Cyrillo Volkmar, *Collecção de Memorias*, os dois nomes citados.

Camões (Largo de).—N.^o 85 Soares & C.^a: I, 45; II, 35; IV, 1.

Capellistas (Rua dos).—N.^{os} 75, 82: III, 89.—N.^{os} 75, 82 Livraria Catholica: III, 89 (n.^o 1); IV, 206.

Chiado.—«Em caza de Jozé Luis Pinheiro nas cazas do Rubim¹ o Xiado». Lx.^a: II, 46; III, 43; IV, 102.—Lithographia de Vasques & C.^a ao Chiado, 61: II, 13.

Combro (Calçada do).—«Lithographia Fz.^a calçada do Combro n.^o 45»: IV, 220.

Commercio (Praça do).—Na Loja da Praça do Commercio N.^o 6 Lx.^a: III, 3.

Domingos (Travessa de S.).—N.^o 15. «Vende-se na Loja de J. A. F. Gradil. Traveça de S. Domingos n.^o 15, ao Rocio»: I, 29; III,

¹ Casas do Rubim: fala nelas a *Gazeta de Lisboa*, 1.^o Supplemento ao n.^o de 30 de Dezembro de 1791; refere-se ao mestre do officio de penteiro Jacinto Roque da Silva. Também o faz Sousa Viterbo in *Inventores Portugueses*, Separata do *Instituto*, pp. 48-49, de 1902.

8; iv, 85, 86, 93.—N.º 22. Loja de J. A. F. Gradil: iv, 166.—N.º 37; i, 8, 38; ii, 32, 62; iv, 62.—N.º 58; i, 2, 6, 11, 14, 16, 19, 22, 49, 50; ii, 30, 31, 32, 33, 35, 48, 53, 62, 63; iii, 7, 26, 33, 53, 59, 199; iv, 3, 58, 62, 65, 66, 68, 74, 75, 77, 78, 80, 85, 95, 108, 171.—N.º 60; i, 22, 28, 33, 40, 46; ii, 47, 50; iii, 3, 39, 194; iv, 57 (colorido), 61, 76, 95.—Vid. *Pardal*.

Douradores (Rua dos).—Lithographia. Rua dos Douradores, n.º 10: i, 77; iii, 101. Vid. *Mouraria* (Calçada da).

Flores (Rua das).—N.º 13. Lithographia: iii, 108.

Francisco (Rua de S.).—Na «Loja de Livreiro Mattos defronte da rua de S. Fran.^{co}» N.º 30: i, 232; iv, 9, 15.—Lithographia C. de Lemos. R. de S. Francisco n.º 12: iii, 132; iv, 218.

Gaveas (Rua das).—N.ºs 29–31. Imp[rensa]. de Libanio da Silva: ii, 89 (encomenda da comissão da festa, em 1902).

Gloria (Calçada da).—N.º 5. «Typ[ographia]. do Annuario Com[merci].^{al}: iii, 181.

Jasmim (Rua do).—Á Patriarchal Queimada, na rua do Jasmim n.º 12: ii, 39.

Loreto (Rua do).—Lithographia de A. S. de Castro, n.º 83. Rua do Loreto: i, 81; iii, 103, 106, 112; iv, 222.

Magdalena (Largo da).—Lithographia Castro & C.^a, Largo da Madalena: i, 68.

Marteres.—Vid. *Martires*.

Martires.—Vid. *Martyres*.

Martyres (Rua dos).—«Na loja de Pinheiro a os Martyres n.º 27». iii, 9, 32; iv, 61 (colorido). «Na loja de Joaq.^m José De Mattos, Livreiro, aos Martyres» n.º 30; iii, 46. «Na Loja de Fran.^{co} Luis Pinh.^{ro} quazi de fronte dos Martires»: i, 8, 24, 50, 231; iv, 16, 53, 132. «Na Loje de Jozé Luis Pinheiro o pé dos Marteres»: ii, 45. «Na Loje (Loge ou Loije) de Fran.^{co} Luis Pinheiro de fronte dos Marteres (ou Martiris) n.º 27»: i, 45, 234; ii, 46; iii, 14, 25; iv, 53, 62, 102, 104, 110. Na Loja de Fran.^{co} Pinheiro: i, 23.—Rua Nova dos M.^{es} 2; iii, 80. Id. n.º 14; iii, 84.—*Martyres* (Rua Nova dos).—Lithographia de L. M. daC[os].^{la} Rua Nova dos Martyres n.º 12: i, 110, 115; iii, 103, 107.—Lith. de Lopes. R. Nova dos M[artyr].^{es} 2 a 4: i, 68; ii, 9, 13; iii, 101, 126, 159; iv, 179, 222.—Lith. de Lopes e Bastos. Rua Nova dos Martyres n.º 14: iii, 114 (1854). Lith. Rua N. dos M.^{es} N.º 14: iii, 124, 133.

Moeda.—Vid. *S. Paulo*. Estamparia da Moeda (1859): iii, 22, 26.

Mouraria (Calçada da).—«Lithographia Castro, & C.^a da Mouraria 10, e Rua dos Restauradores, 10»: i, 77; iii, 102.

Ouro (Rua do). — N.º 6: I, 19, 43, 222; II, 51, 56; III, 8, 13, 36, 55; IV, 56, 166. — N.º 6, «Acha-se na Loja de Pedro Luiz Peijssonneau»: I, 24, 39; III, 52. — N.º 13: IV, 80. — N.º 253: IV, 177. — N.º 257: III, 98.

Paceio (Rua do). — «Em Caza de Fran[cis]co M[anu]el no fim da R. do Paceio» (ou Rua direita do P.): I, 4, 27, 48, 65, 230; II, 40; III, 32, 36, 37, 39, 43, 53, 64, 191, 192; IV, 67, 86, 90, 98, 169. — «Rua Oriental do Paceio Publico. Loje n.º 2»: I, 209. — N.º 2 no fim da Rua do Paceio: IV, 64. — «o Paceio. Lx.^a»: III, 59. — «Fran.^{co} Manuel, o Paceio. Lx.^a»: II, 23; III, 32, 59, 193. — «Na Fabrica de Estampas, Rua Oriental do Paceio Publico n.º 2 Lx.^a»: I, 217. Estamparia no fim da Rua do Paceio: I, 222. — Vid. *Paçeio e Passeio*.

Paçeio (Rua do). — «Em Caza de Fr.^{co} M.^{el} no fim da Rua do Paçeio»: I, 48, 234; II, 27, 46, 65; III, 37, 38, 62, 196; IV, 21, 74, 97, 101, 170, 172. — «Id.» do lado oriental: IV, 131, 167. — «Id. ó Paçeio Lx.^a»: I, 64. — N.º 2 Rua do Paçeio: IV, 71. — Vid. *Paceio e Passeio*.

Padaria (Rua da). — «Na Loge (ou Loja) de Mathias Ribeiro». Rua da Padaria n.º 17: I, 5, 6, 66; II, 23, 28, 37, 40, 61, 64; III, 30, 194, 198; IV, 18, 98, 101, 132, 133, 134, 135, 163, 164, 165. — «Na Loja de Viuva Ribeiro», Id. n.º 17: I, 9, 15; II, 28; III, 18, 47. — «Na Loja de Antonio Joaquim Ribeiro», Id. n.º 17: I, 45, 232; II, 23, 27, 29, 61; III, 14, 19, 192, 199; IV, 1, 5, 60, 61 (colorido), 64, 170. — Rua da Padaria n.º 17: I, 9, 209, 224; II, 60, 64; III, 12, 33, 45; IV, 7, 12, 15, 57, 65, 80, 83, 87, 98, 176. — Na [Fabri].^{ca} de An.^{to} Joaq.^m Rib.^{ro} na Rua da Padaria n.º 17: I, 6, 27, 39, 43, 64; III, 195; IV, 7, 64, 89, 94, 109, 134, 163. — F[abrica]. de Est[ampas]. de Viuva Ribeiro. Id. N.º 17: II, 31; IV, 14. — R[real]. Fabrica na Rua da Padaria n.º 17: II, 32. — Vid. *Padeiria e Paderia*.

Padeiria (Rua da). — Na loja de Antonio Joaquim Ribeiro, na R. da Padeiria n.º 17: IV, 171. — R. da Padeiria n.º 17: III, 7; IV, 102. — Vid. *Padaria e Paderia*.

Paderia (Rua da). — «Antonio Joaquim Ribeiro [com Loja] na Rua da Paderia, n.º 17»: I, 4; III, 28; IV, 18. — «Na Loje de Matias Ribeiro» Id. n.º 17: IV, 71. — «Loja na Rua da Paderia, n.º 17»: I, 3. — Vid. *Padaria e Padeiria*.

Palha (Travessa da). — Lithographia Palhares. Trav.^a da Palha n.º 15: I, 71.

Passeio (Rua do). — «Em Caza de Fr.^{co} M.^{el} no fim da Rua do Passeio»: I, 45, 49; II, 31, 37, 47, 48, 64; III, 7, 9, 15, 16, 38, 40, 41, 43, 48, 51, 62, 63, 64, 65, 66, 192, 193, 196, 197, 200; IV, 3,

8, 16¹, 53, 57, 59, 66, 67, 69, 70, 71, 76, 77, 81, 84, 86, 87, 92, 101, 102, 109, 133, 134, 135, 165 (colorido), 166, 173 (id.), 176, 178. — «Lx.^a no fim da Rua do Passeio»: I, 61. — «Rua do Passeio, n.º 2. Lx.^a»: I, 28, 62; II, 39; III, 28, 50, 55, 61; IV, 60, 78. — «Ao Passeio n.º 2. Lix.^a»: IV, 87, 175 (colorido). — «Franc.º M.^{el} ao Passeio L.^{xa}»: IV, 172. — Estamparia ao Passeio Publico N.º 2; II, 29; III, 195; IV, 62. — Na R[eval]. F[abrica]. de Estampas da R. do Passeio N.º 2: I, 21 (um colorido): IV, 4, 73, 87, 178. — Fabrica de Estampas. R. do Passeio n.º 2: I, 60; III, 195; IV, 8, 56. — Vid. *Paceio e Paçeo*.

Patrearchal. — Vid. *Patriarchal*.

Patriarchal. — «Acha-se á Patrearchal, em Caza de Joze An.^{1o} Ramalho, em Lx.^a»: IV, 7, 110. (Em outros diz-se: «a Patriarcal queim.^{da} Lx.^a»). — Vid. *Jasmim* (Rua do).

Paulistas (Rua dos). — «Na Loje Luis Jozé de Carv.º Livreiro os Paulistas»: I, 48; IV, 93.

Paulo (Rua de S.) — N.º 216: I, 7 (colorido): III, 106. — «Na Estamp[ari]ª Rua de S. Paulo, n.º 58, 1.º Andar defronte da Moeda»: I, 35 (colorido): II, 56; III, 8 (1855), 19, 25 (colorido), 44 (id.): IV, 17, 172 (1856, colorido).

Pedro (Praça de D.) — Nunes & C.^a Praça de D. Pedro N.ºs 90-91. Lisboa: III, 43; IV, 61, 95.

Poço Novo. — Lithographia de Castro, Poço Novo n.º 33: I, 78, 89; III, 101, 103, 108, 129, 131; IV, 219.

Procissão (Rua da). — «Em Caza do Autor na Rua Proissão N.º 8, 3.º Andar» («Castro, ediou, desinhou, e Sculp.»): II, 39.

Quintella (Largo do). — Lithographia de A. C. Lemos. Largo do Quintella, n.º 1-ou 3: III, 113; IV, 219 (1851).

Remedios (Rua dos). — N.ºs 25-27. Typ[ographia]. do Commerciante: I, 180.

Retrozeiros (Rua dos). — Rua dos Retrozeiros N.º 118: Lx.^a [Loja de José Lasaro Nunes]: I, 18, 22, 214; II, 37; III, 28, 47, 64, 192, 200; IV, 3, 17, 61, 82, 83, 92, 93, 97, 131, 175, 176 (colorido), 178, 179.

Sacramento (Calçada do). — «Em caza de Joze Luis Pinheiro, ó Sacram.^{1o} Lx.^a»: IV, 98.

Salitre (Rua do). — N.º 47: II, 29; III, 28. — N.º 296, 3.º andar: I, 19, 49, 61; II, 93; III, 26, 55; IV, 165 (colorido), 172.

Tabaco (Jardim do). — Em caza de M.^{el} Ant.º ao Jardim do Tabaco. N.º 12: III, 42. — Em caza de M.^{el} Au.º ao estanque do Tabaco: IV, 109.

Xiado. — Vid. *Chiado*.

III.—Vária

Litografias (Sem designação de rua).—Lith. de Portugal. Lisboa: iv, 205 (colorido).

Lourçal.—Acha-se no mesmo Convento¹. (Convento do Lourçal): ii, 64.

Miguel (S.).—Typ[ographia] Lit[hographia]. a vapor Ferreira & C.^a: iii, 136. (Registo da Ilha de S. Miguel).

Pôrto

Abreu.—«Ateliers Marques de Abreu & C.^a Porto»: i, 90.

Catharina (Rua de S.^{ta}).—Lith[ographia]. Portuguesa. Rua de S.^{ta} Catharina n.º 146: i, 132; iii, 120.

Cedofeita—Travessa de Cedofeita n.º 22. Lithographia União: i, 132.

Comercio do Porto.—«Typ[ographia]. do Commercio do Porto» Commercio do Porto sc[ulpiu ou psit].: i, 202.

Conceição (Rua da).—N.º 8, 1836: i, 209.

Constituição.—Praça da Constituição: i, 232.

Costa.—«Impr[en].^{ca} de R[aymundo]. J[oaquim]. da Costa», Porto, 1850: i, 32; iii, 33. Vid. *Castro* na Lista de gravadores, etc.

Flores (Rua das).—N.º 183. «Typ[ographia]. Seculo XX»: iii, 150.

Passos Manuel (Rua de).—211 a 219, Imprensa Civilização: iv, 222.

Virtudes (Rua das).—R. das Virtudes, Porto, n.ºs 1 e 2: i, 30, 208; iii, 27.—Rua das Virtudes, n.º 3: i, 208; iii, 25.

Litografias (Sem nome de ruas).—Real Lith[ographia]. Lusitana. Porto: i, 97; ii, 67 (exemplares grandes).—Lith[ographia]. Nacional. Porto: iii, 154; iv, 218.—Lith[ographia]. Portuense. Porto: i, 93 (colorido).

Tipografias (Sem designação de ruas ou proprietários).—Typ[ographia]. Universal: i, 179; iii 171, 172.

Sertã.—Vid. *Certã*, grafia mais vulgar do onomástico da vila.

Thyrso (S.^{to})—Typ[ographia]. do «Jornal do Santo Thyrso»: iii, 177.

Vianna do Castello (Tipografias de).—Tip[ographia]. de André

¹ Registo do Senhor Jesus das Misericordias e a veneravel Maria do Lado, Fundadora do Lourçal.

J. Pereira & F.^o: I, 143, 182, 202.—Tip[ographia]. de Pereira, 1861: I, 168.

Estrangeiro

Brugge.—Stoendruk Kurel van de Vyvere-Petyt. Brugge (S.^{ta} Joanna, Princesa de Portugal), (colorido): III, 103 (cromolitografia).

Kühlen.—B. Kühlen, M. Gladbach: III, 81, 89, 108, 117 (colorido). (Registos da Madeira). (Cromolitografia).

Paris.—«chés n. Bonnart rue S.^t Jacques à l'Aigle: I, 211.—Bouasse Lebel impr[imeur]. Paris: III, 51.—«Se vende en casa de Diego Chereau Calle de Santiago all' insegno del Cocq en Paris»: IV, 51 (N.^a S.^a da Madre de Deus).—A Paris chez Jacques Chereau. rue S.^t Jacques au Grand S.^t Remy: IV, 51 (N.^a S.^a da Madre de Deus).—Imp[rimerie]. Roche, r. Leregralier: IV, 205 (colorido), 221 (id.).—Villemur, Imprimeur, r. Serpente. 36: IV, 206.

LUIZ CHAVES.

Descobridores de Monsanto

Em 1918 esteve em Lisboa o Sr. P.^o H. Breuil, ilustre Professor do Instituto de Paleontologia Humana de Paris, o qual visitou as collecções prehistóricas contidas no Museu Etnológico Português, no da Comissão Geológica, etc. Da sua viagem escreveu um opúsculo, que me ofereceu, intitulado *Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne*, Lisboa 1918, onde diz numa nota que os jazigos paleolíticos de Monsanto foram descobertos por M. Bouvier-Lapierre e outros cujos nomes não importa aqui referir.

Pede a verdade que se observe que quem primeiro achou em Monsanto um instrumento prehistórico, pondo-o num museu (na Comissão Geológica) ao alcance dos estudiosos, foi, já há muitos anos, António Mendes, Colector da Comissão Geológica, que esteve ao serviço de Carlos Ribeiro, e também ajudou a fazer as primeiras escavações que se praticaram em Pragança: hoje é falecido. Na figura junta¹ reproduzo êsse instrumento, que pertence agora ao Museu Etnológico: é uma lâmina, ou fôlha de faca, côncavo-convexa, de uns

¹ Feita segundo uma fotografia do Sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto.